



FPCEUC\_2012

Universidade de Coimbra

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**“Bons pais”: representações e significações  
de pais hétero e homossexuais**

Ana catarina Dinis Oliveira (anacatarina12@msn.com)

Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, área de especialização em Psicologia Clínica e da Saúde (subárea de especialização em Psicopatologia e Psicoterapias Dinâmicas) sob a orientação do Professor Doutor Joaquim Eduardo Nunes Sá

## **Representações Parentais: os pais homossexuais pensam diferente dos pais heterossexuais?**

As sociedades ocidentais têm presenciado grandes alterações nos arranjos familiares, pelo que se verificam múltiplos tipos de família, incluindo as famílias homossexuais. Consequentemente, a parentalidade homossexual tornou-se num fenómeno presente e crescente nas sociedades modernas, gerando controvérsias mas também um maior debate sobre o tema. Contudo, verifica-se uma escassez de trabalhos sobre as famílias homoparentais muito provavelmente devido ao preconceito e intolerância a que estão sujeitas nos diferentes contextos sociais. Tendo em consideração a importância de estudos que tratem a problemática da parentalidade no contexto homossexual, desenhou-se um estudo empírico que visa investigar e comparar duas populações (hétero e homossexual) nas suas representações de parentalidade. O estudo pretende responder a questões como *será que a orientação sexual dos pais influencia as representações parentais? Será que as representações parentais da parentalidade são distintas para as diferentes populações?* Para o efeito foram recrutados 30 sujeitos com idades compreendidas entre os 20 e os 55 anos preencheram a *Escala de Representações Parentais de Parentalidade (EARP)* constituída por três subescalas (*desafios da parentalidade, suporte/exigência e proximidade/responsividade*) que avaliam quanto as suas representações e significações parentais de “bons pais” no exercício da parentalidade. Os resultados obtidos permitem concluir que a orientação sexual dos pais não influencia a representação da parentalidade. A importância atribuída aos desafios parentais, ao suporte e à proximidade foi a mesma para ambas as populações. Verificou-se que, de uma forma geral, as populações (homo e heterossexuais) não se distinguem no que concerne às representações parentais e significações de “bons pais” no exercício da parentalidade. Os resultados evidenciaram ainda que variáveis como a escolaridade e religiosidade não interferem nas representações que os pais têm acerca da parentalidade. Este estudo permite pensar sobre a parentalidade homossexual, nomeadamente sobre a forma como os homossexuais encaram a parentalidade, questão pertinente para aqueles que se interessam pela problemática como investigadores, técnicos e a própria sociedade.

**Palavras-chave:** Família, parentalidade homossexual, representações parentais, homossexualidade.

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Ana Catarina Oliveira (anacatarina12@msn.com)

## **Parental Representations: gay parents think differently of heterosexual parents?**

Western societies have witnessed major changes in living arrangements, for which there are multiple family types, including homosexual family. Consequently, homosexual parenting has become a growing phenomenon and present in modern societies, generating controversy but also a larger debate on the subject. However, there is a paucity of studies on homosexual family's most likely due to prejudice and intolerance that are subject to different social contexts. Given the importance of studies that address the issue of gay parenting in context, drew up an empirical study that aims to investigate and compare two populations (heterosexual and homosexual) in their representations of parenting. The study aims to answer questions such as does the sexual orientation of parents influence the parental representations? Does parental representations of parenthood are different for different people? For this purpose were recruited 30 subjects aged between 20 and 55 completed the Parenting Scale Representations of Parenting (EARP) consists of three subscales (challenges of parenting, support / requirement and proximity / responsiveness) that assess how their Parental representations and meanings of "good parents" in the exercise of parenting. The results indicate that the sexual orientation of parents does not influence the representation of parenting. The importance attached to parental challenges, the support and the proximity was the same for both populations. It was found that, in general, populations (homosexual and heterosexual) are indistinguishable with respect to the parental representations and meaning of "good parents" in the course of parenting. The results showed that even variables such as education and religion do not interfere in the representations that parents have about parenting. This study allows us to think about gay parenting, particularly about how homosexuals face in parenting, pertinent question for those interested in the issue as researchers, technicians and society itself.

**Key- words:** Family, homosexual parenting, parental representations, homosexuality.

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Ana Catarina Oliveira (anacatarina12@msn.com)

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Ana Catarina Oliveira (anacatarina12@msn.com)

## **Agradecimentos**

A todas as pessoas que embarcaram comigo nesta viagem de ideias e pensamentos e que me auxiliaram quero expressar a minha gratidão:

Ao Prof. Doutro Eduardo Sá por ter orientado esta tese e pelos seus ensinamentos que marcarão sempre o meu caminho profissional.

A todas as instituições e associações LGB que se mostraram sempre disponíveis e atentas ao meu problema.

À Doutora Ana Rita de Carvalho pela disponibilização do instrumento científico fundamental para o estudo e pelo interesse que sempre depositou.

Aos meus pais por todo o carinho, disponibilidade e suporte com que sempre pude contar ao longo de todo o meu percurso académico.

À singela Margarida pela sua ternura e bondade. Por tudo aquilo que não se descreve, apenas se sente.

A toda a minha família e amigos que acompanharam de perto as minhas angústias e incertezas.

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Ana Catarina Oliveira (anacatarina12@msn.com)

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Ana Catarina Oliveira (anacatarina12@msn.com)

## Índice de Tabelas

Tabela 1. Caracterização da amostra em função do género, orientação sexual, idade, habilitações literárias, religião, área de residência, religião, estado civil, número de filhos e coabitação (n=30).....	21
Tabela 2. Consistência Interna das subescalas da EARP- <i>Alpha</i> de <i>Cronbach</i> e correlação média inter-item.....	24
Tabela 3. Correlações entre subescalas da EARP.....	24
Tabela 4. Pontuações médias e desvios-padrões das diferentes subescalas de EARP.....	25
Tabela 5. Subescala desafios da parentalidade.....	27
Tabela 6. Subescala Suporte/exigência.....	30
Tabela 7. Subescala Proximidade/Responsividade.....	32
Tabela 8. Correlação de <i>Pearson</i> entre Subescalas e variáveis sociodemográficas.....	33
Tabela 9. Correlação de <i>Pearson</i> entre subescalas e Orientação sexual.....	34

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Ana Catarina Oliveira (anacatarina12@msn.com)

## Índice

Introdução e enquadramento do estudo .....	1
I. Enquadramento conceptual.....	2
1. Sexualidade e Identidade .....	2
2. Família e Parentalidade.....	7
2.1. Papel da mãe.....	11
2.2. Papel do Pai.....	13
3. Família e Parentalidade homossexual.....	14
4. Um olhar em torno das pesquisas sobre homoparentalidade.....	16
II. Objectivos.....	19
III. Metodologia.....	20
1. Opções metodológicas.....	20
2. Amostra.....	20
3. Instrumentos.....	22
4. Procedimentos da Investigação.....	25
5. Procedimentos Estatísticos.....	25
IV. Apresentação dos Resultados.....	26
V. Discussão.....	35
VI. Limitações e sugestões para estudos futuros.....	42
VII. Conclusões.....	43
Bibliografia.....	43
Anexos.....	52



## Introdução

É num tempo povoado por modificações profundas nas sociedades e na forma como se vive a sexualidade, que as famílias se reinventam. Atualmente observa-se uma grande diversidade de famílias (Gimeno, 2001). Em consequência das alterações nas estruturas familiares também, os papéis e funções na família têm sofrido mutações. Os vínculos de parentesco já não se definem apenas perante os laços sanguíneos mas também perante os laços de afecto (Paiva & Rodriguez, 2009). Perante esta realidade, a homoparentalidade enquanto forma de se ser família será inevitável. Contudo, verifica-se ainda uma enorme escassez de estudos sobre estas famílias subjacentes está o preconceito e a discriminação a que ainda estão sujeitos os homossexuais nos diferentes contextos sociais, concretamente no que diz respeito à influência da homossexualidade sobre a educação e saúde mental das crianças (Patterson, 2002).

Neste âmbito, torna-se fulcral a compreensão da parentalidade homossexual. Para o efeito, o presente trabalho reporta-se ao estudo das representações parentais da parentalidade tendo em consideração orientação sexual dos pais. Explicitamente, o presente trabalho pretende comparar os pais homossexuais com os pais heterossexuais quanto às suas representações e significações parentais de “bons pais” no exercício da parentalidade. Deste modo será utilizada a Escala de Atitudes e Representações de Parentalidade (EARP), composta por três subescalas que avaliam as representações parentais relativas à conceptualização e significado de bons pais na construção da parentalidade.

A presente dissertação é composta por várias secções que se organizam essencialmente em duas partes. A primeira dedicada ao enquadramento conceptual, que inclui um resumo de vários conceitos essenciais, sexualidade e formação da identidade, homossexualidade, o conceito de família, homoparentalidade, e levando em consideração os resultados de investigações anteriores. Na segunda parte será apresentado o estudo empírico sobre as representações parentais nas populações homo e heterossexuais. Nesta parte insere-se ainda a metodologia utilizada, os resultados obtidos e a respectiva conclusão.

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

## I. Enquadramento Conceptual

### 1. Sexualidade e Identidade

A sexualidade enquanto ligação entre a intimidade e o conhecimento (Sá, 2003), nem sempre foi reconhecida, sendo alvo de preconceito e de crítica. Contudo, Foucault (1985, como citado em Santos, 2004) relatou que até finais do séc. XVII iniciou-se um movimento em que a sexualidade deixou de ser oculta e, a partir daí, o discurso sobre ela passou a tomar conta dos mais diversos cenários. A medicina ocupou-se da normatização das condutas e dos comportamentos tidos como normais ou não. Já a ciência ocupou-se de investigar e compreender os fenómenos da conduta sexual humana. Neste contexto, observa-se que a sexualidade humana não se restringe apenas a aspectos anatómicos do ser humano mas envolve aspectos biológicos, a identidade sexual, situada ao nível psicológico, e também os aspectos sociais e culturais que incluem os papéis de género (Santos, 2004).

Assim sendo, a sexualidade representa uma construção social em que ainda determinados comportamentos são atribuídos ao homem e determinados comportamentos atribuídos à mulher. Pode-se observar que também a palavra género utilizada tão comumente serve para caracterizar o que é masculino e o que é feminino (Sá, 2003), no que se refere à diferenciação quanto ao vestuário, a fala, aos gestos, comportamentos, atitudes e valores, tendo por base uma construção social (Santos, 2004). Contudo, esta abordagem está em mutação, muito por culpa dos avanços tecnológicos, dos movimentos feministas e homossexuais que oferecem uma multiplicidade de formas de expressão da sexualidade (Dubby, 1991). Por outro lado, ainda existe a concepção do que é ser homem e o que é ser mulher enraizados pela construção histórico-social, o que levanta, frequentemente conflitos, inseguranças e angústias (Santos, 2004).

Por conseguinte, a sexualidade está também ela relacionada com o desenvolvimento global dos indivíduos, constituindo um dos elementos da personalidade e da formação da identidade. De alguma forma, o equilíbrio emocional, os relacionamentos e a manifestação de sentimentos do indivíduo dependem da boa evolução da sexualidade desde a infância à adolescência (Costa, Lopes, Souza, Patel, 2007). A sexualidade inclui também aspectos amorosos, eróticos, afetivos, entre outros aspectos que se relacionam com os valores culturais, com a história de vida e com a família que constitui o meio sobre o qual a criança desenvolve a sua identidade sexual e a sua orientação afectivo-sexual. A sexualidade, é portanto, formada por três componentes da identidade sexual: identidade de género, papel de género e orientação sexual (Costa, Lopes, Souza, Patel, 2007).

Assim, a *identidade sexual*, advém das experiências corporais (manipulação dos órgãos sexuais e gratificações com eles relacionadas) que são específicas de cada indivíduo e variam de “Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

acordo com a história pessoal e com a experiência de vida, compreendendo a interação com os pais, fatores morais, culturais, sociais, religiosos, entre outros (Costa, Lopes, Souza, Patel, 2007; Golombok & Tasker, 1997; Grinberg & Grinberg, 1976). Para Freud, o estabelecimento de uma identidade sexual representaria a renúncia da criança ao sexo que não se tem o que obriga ao luto do que não se é (Grinberg & Grinberg, 1976; Downey & Fiedman, 1998). Desta forma a resolução do complexo de Édipo e a identificação com o progenitor do mesmo sexo leva ao estabelecimento da identidade sexual (Santos, 2004). Esta é, então composta pela **identidade de género**, que engloba a intimidade de cada um no que diz respeito ao sexo a que pertence (masculino ou feminino), independentemente da forma do corpo (Costa, Lopes, Souza, Patel, 2007). É precisamente nas relações interpessoais que o indivíduo reconhece os papéis masculinos e femininos. Um processo que se inicia mesmo antes do bebé nascer, à medida que, ainda no útero materno, os pais já apresentam expectativas para o futuro da criança (Santos, 2004). Esta pressupõe também o reconhecimento social, onde está incluída a biologia, a expressão de papéis de género e a orientação sexual (Houk, Hughes, Almet, Lee, *et al.*, 2006 como citado em Selekman, 2007). Por sua vez, o **papel de género** engloba a expressão da feminilidade ou masculinidade de cada um, de acordo com os valores considerados apropriados para um homem e para uma mulher numa determinada cultura, sendo desta forma um produto da socialização (Golombok & Tasker, 1997; Grinberg & Grinberg, 1976). O último dos três componentes, a **orientação sexual** que pressupõe a criação de vínculos eróticos e a atração sexual das/pelas pessoas, que pode ser dirigida a pessoas do sexo oposto (heterossexualidade), a pessoas do mesmo sexo (homossexualidade) ou a ambos os sexos (bissexualidade) (Costa, Lopes, Souza, Patel, 2007; Golombok & Tasker, 1997; Grinberg & Grinberg, 1976). De acordo com Freud (2009), a orientação sexual seria resultante de uma renúncia à fantasia pela posse de uma bissexualidade (teoria da bissexualidade).

Assim sendo, como se pode explicar o desenvolvimento da identidade e dos papéis de género? De acordo com Freud (2009) este processo ocorre desde o nascimento do indivíduo, passando pela adolescência, onde é encontrado o objecto sexual, e se prolonga até à vida adulta. De acordo com o autor, a sexualidade é fundada nas primeiras experiências afetivas do bebé (Freud, 2009). Ao longo do desenvolvimento, a criança experimenta perdas decorrente do desmame, que provoca um estado de luto e que obriga a criança a procurar outra zona corporal para refazer o vínculo e obter gratificação, percorrendo as diferentes fases que Freud (2009) intitulou como oral, anal, fálica, latência e genital. Estas fases do desenvolvimento psicosssexual representariam formas de expressão não sexual e que incluíam diferentes zonas erógenas do próprio corpo até atingir a genitalidade e a função reprodutora (Freud, 2009; Sá, 2003). Era na fase fálica que a criança move o seu desejo sexual

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

específico ao progenitor do sexo oposto, que acaba renunciando pelo medo da castração e o temor de perder o objeto amado. Neste sentido, era colocado termo à rivalidade que o menino ou menina mantinha face ao progenitor do mesmo sexo, ocorrendo a identificação como desejo de ocupar o seu lugar (Santos, 2004).

Contudo, outras explicações para o desenvolvimento da identidade e dos papéis de género são oferecidas. Desde a importância do significado que o sujeito atribui ao ser menina ou menino, que de acordo com Kohlberg constitui a base para que o menino e a menina organizem as suas atitudes sexuais, colocando maior ênfase ao que corresponde com a sua própria identidade (Santos, 2004). Por outro lado, pode ser explicada pela interação entre o indivíduo e o meio ambiente. De acordo com esta perspectiva, a criança observa o ambiente à sua volta e internaliza padrões de comportamento atribuindo-lhes significações. A identificação seria regida pelos mesmos princípios que governam a aquisição e execução de qualquer tipo de conduta (Santos, 2004).

Conforme o que foi explicitado anteriormente, o sexo e o género apresentam significações distintas uma vez que o primeiro refere-se ao biológico e o segundo ao cultural, ao social, ao simbólico. Desta forma, qualquer comportamento, acto ou desejo que não tenham esta finalidade, são rotulados e os indivíduos que os expressam estigmatizados. Aqui podemos inscrever a homossexualidade, que sendo alvo de preconceito leva ao comprometimento do reconhecimento social da sua identidade sexual (Santos, 2004). Por outro lado, a estigmatização de que são alvo conduz muitas vezes à não-aceitação por parte das famílias. A verdade é que as famílias esperam que os filhos sejam heterossexuais e experienciem acontecimentos heterossexuais como casar, ter filhos, entre outros. Por outro lado, um filho homossexual pode ter um impacto significativo sobre os pais, nomeadamente, estes podem sentir que os outros vão julgá-los por habilidades parentais pobres (Selekman, 2007). Neste sentido, os que optam por revelar publicamente a sua orientação sexual fazem-no de acordo com três fases: a primeira envolve a decisão de vivenciar relações com pessoas do mesmo sexo, a segunda fase consta na revelação da sua orientação sexual para os outros (familiares, amigos, colegas, entre outros) e terceira fase refere-se à partilha de vivências abertamente com uma pessoa homossexual (Lins & Svartman, 2005; <http://www.apa.org/topics/sexuality/orientation.aspx>). Em suma, este processo implica descoberta, reconhecimento da sua identidade sexual e dar-se a conhecer aos outros (Selekman, 2007). A auto-aceitação bem como o apoio familiar constituem bons indicadores de saúde mental nos homossexuais (Selekman, 2007).

Com a evolução social, tecnológica, religiosa e económica a forma como a homossexualidade é encarada foi sofrendo mudanças. Foucault (1988, como citado em Zambrano, 2008) mostrou que até à

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Revolução Francesa a homossexualidade era considerada crime e punida com penas muito severas. Entre os profissionais de saúde, a homossexualidade também foi estigmatizada, sendo encarada como uma doença mental e por isso integrada na nosografia psiquiátrica (West, 2008). A homossexualidade era considerada uma aberração onde os interesses sexuais são dirigidos a objetos outros que não pessoas do sexo oposto (Garcia, 2002). Em 1973 a Associação Psiquiátrica Americana considerou a que homossexualidade não era uma doença. Posteriormente, em 1975, a Associação de Psicologia Americana chegou à mesma conclusão. Em 1987, a terceira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Distúrbios Mentais (DSM) já não incluía a homossexualidade como uma parafilia (Matias, 2007). Em 1993, a Organização Mundial de Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da lista de doenças mentais da CID-10, após se ter verificado que não existiam diferenças entre a saúde mental dos indivíduos heterossexuais e a saúde mental dos indivíduos homossexuais (Matias, 2007; Mendes, 2007).

Importa desta forma, retomar a definição de homossexualidade, em razão de ser uma das populações presentes na investigação.

A **homossexualidade** – do grego *homo* (igual) e *sexus* (sexo) do latim, que é tão antiga como a humanidade e ocorre tanto em civilizações avançadas como em culturas mais primitivas - designa uma experiência de atracção erótica por uma pessoa do mesmo sexo (West, 2008). Quanto aos homens ou mulheres que habitualmente orientam o seu desejo sexual para pessoas do mesmo sexo biológico são designados de **homossexuais** (West, 2008; Zimmerman, 1999). Por outro lado, a homossexualidade nas mulheres é muitas vezes designada como **lesbianismo** (West, 2008). A expressão lésbica que tem a sua origem na palavra *lesbo*, nome de ilha grega, detentora da promiscuidade, geradora de escândalos e onde residia Safo, poetisa grega, uma mulher que escrevia e dedicava os seus poemas a outras mulheres (Duby, 1991; West, 2008).

Reportando-nos agora a Freud (2009), também ele se preocupou com a questão da homossexualidade. Este manifestou-se contra a perseguição das pessoas homossexuais, defendendo que não é possível mudar a orientação sexual com a psicanálise (1935, como citado em Downey & Friedman, 1998). Na sua obra “ *Três ensaios sobre a sexualidade* ” considera que a homossexualidade como uma **inversão** (desvios com respeito ao objeto) (Freud, 2009). Considerou que o homem cujo objeto sexual não é uma mulher, e a mulher cujo objeto sexual não é um homem são considerados como tendo uma **inversão sexual**. Estes indivíduos podem ser **invertidos absolutos** - quando o seu objeto sexual só pode ser do mesmo sexo enquanto o sexo oposto lhe desperta aversão sexual, podem ser **invertidos (anfígenos)** - o objeto sexual tanto pode ser do mesmo sexo ou do sexo oposto ou ainda **invertidos ocasionais** - em certas situações a pessoa pode tomar

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

como objeto sexual a pessoa do mesmo sexo e encontrar satisfação sexual com ela (Freud, 2009).

Quanto à etiologia da homossexualidade esta também tem sido debatida ao longo de décadas. A questão sempre incidiu sobre o seu carácter genético, biológico, livre escolha ou sobre o impacto do ambiente no indivíduo (Selekman, 2007). De acordo com Ribeiro (2010) a homossexualidade tem sido explicada através de duas grandes correntes. A primeira propõe que o homossexualismo é um fenómeno de natureza psíquica adquirido ou acidental. Concretamente, um fenómeno que pode ser provocado por desilusões amorosas agravadas pela educação, pela separação do sexo masculino do sexo feminino em ambientes escolares numa fase crítica da puberdade e pelos casos em que os filhos são mais acarinhados pelas mães (Ribeiro, 2010). Assim, a homossexualidade era tomada como um sintoma articulado à história de vida do sujeito (Vieira, 2011). Por outro lado, em 1905, Freud considera que a homossexualidade se fundamenta na bissexualidade (Ribeiro, 2010). De acordo com o autor, a homossexualidade resulta de uma escolha sexual derivada da existência, em todo o ser humano, de uma bissexualidade originária e universal da sexualidade humana, contradizendo definitivamente qualquer concepção do sexo biológico como prevalente aos processos psíquicos ligados ao recalque (Vieira, 2011). Ou seja, a relação estabelecida por Freud entre o recalque e a predisposição bissexual é a base para a explicação da homossexualidade. Contudo, a sua teoria acerca do fundamento da homossexualidade vai mudando, descobrindo o elo entre a bissexualidade e a triangulação edipiana. As tendências homossexuais representariam, então, uma fuga do indivíduo ao complexo de Édipo, recusando o próprio sexo (Ribeiro, 2010).

Vê-se assim, a homossexualidade não como um comportamento sexual, mas como um processo complexo e subjectivo de crenças, fantasias, afetos e atos simbólicos que faz parte do processo identificatório pelo qual o sujeito passa (Vieira, 2011). Este processo avizinha-se difícil para muitos sujeitos e por isso, a homossexualidade é para muitos um aspecto interno acarretando algumas consequências para a sua saúde mental (Gershon, Jemerin, Tschann, 1999; Sá, 2003). Por outro lado, quando é assumida a homossexualidade, muitos pensam na possibilidade de constituição de família, surgindo assim a homoparentalidade, abrindo caminho para novas possibilidades e estruturas familiares.

Voltemos por isso o nosso olhar para a família e parentalidade e para, em seguida chegarmos às famílias constituídas por homossexuais com filhos.

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

## 2. Família e Parentalidade

Nas últimas duas ou três décadas as estruturas familiares têm sofrido alterações significativas, algumas delas foram sendo assumidas pela sociedade, enquanto outras são ativamente combatidas, muitas vezes devido à intolerância dos mais conservadores (Allen & Demo, 1995; Gimeno, 2001). Atualmente, as transformações passam por famílias monoparentais, homoparentais e recompostas (Gimeno, 2001; Paiva & Rodriguez, 2009). Essas transformações podem ser provocadas por mudanças sociais, religiosas, tecnológicas e económicas (Dessen & Polonia, 2007) e que por ventura, representam mudanças significativas nas estruturas familiares e conseqüentemente na educação dos filhos (Paiva & Rodriguez, 2009; Santos, 2004). Estas mudanças fazem-se sentir numa maior liberdade sexual para ambos os sexos, na possibilidade dos filhos ensinarem os pais, numa maior igualdade entre os cônjuges, o que permite colocar em questão os papéis sexuais (Santos, 2004). Todas estas mudanças estruturais na família fazem com que o próprio conceito de família se modifique. Neste sentido, as famílias do presente muito pouco tem a ver com as do passado (Sampaio, 1994). Contudo, ainda é o modelo de *“família nuclear”* constituído por um pai, uma mãe e filhos que representa um quadro monogâmico organizada a partir de um casal heterossexual que é socialmente e legalmente construída a partir do modelo biológico de reprodução (Carter & Mcgoldrick, 2001) que impera nas sociedades. É, portanto, um espaço no qual as relações afectivo-sexuais entre o casal, resultam, muitas vezes, em filhos, razão pela qual dizemos que esta é uma agente de reprodução biológica (Santos, 2004). Desta forma, pode afirmar-se que a família tem como base um pai e uma mãe cujo o ambiente familiar é resultante do relacionamento entre estes e do contexto social onde se encontram inseridos (Winnicott, 2005). Neste sentido surge o preconceito contra os homossexuais devido à impossibilidade biológica de reproduzir-se. Contudo, os laços de sangue podem ser ultrapassados pela adoção legal ou pelo acolhimento familiar que se convertem em vínculos significativos (Lubbe, 2007), ao que Gimeno (2001) refere como *“família humana”* (p.43) e onde pode ser enquadrada a família homoparental. Neste sentido, uma família nem sempre se forma a partir de laços de sangue. Até porque *“não é verdade que os nossos consanguíneos sejam a nossa família, Muitas vezes, tornam-se estranhos colados a nós”* (Sá, 2009, 203). No mesmo sentido, Durkheim (como citado em Abreu, Álvares & Campos, 2007) afirma que a família deve ser encarada como um fato social, constituída não apenas por vínculos sanguíneos mas também por outras necessidades. Deste modo, a partir destas definições, podemos englobar as famílias biológicas, nucleares, alargadas às famílias de procriação, famílias adotiva/social e famílias educadoras (Gimeno, 2001; Paiva & Rodriguez, 2009).

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Independentemente da multiplicidade de famílias que atualmente se podem observar nas sociedades, a família desempenha funções essenciais no desenvolvimento humano, nomeadamente no que toca à protecção, socialização, formação de vínculos, cuidados, afeição e estímulos necessários (Abreu, Álvares & Campos, 2007; Almeida-Filho, *et al* 2005). De acordo com Winnicott (2005), a família nunca deixa de ser importante em qualquer fase do desenvolvimento individual. Ela é, de acordo como autor, uma componente essencial na estruturação psicológica da criança (Winnicott, 2005). Por conseguinte, trata-se do primeiro ambiente onde se desenvolve a personalidade do indivíduo (Macedo, 1994) e é através dela que estes se munem de ferramentas para enfrentar as crises que podem abalar a identidade (Abreu, Álvares & Campos, 2007). Trata-se, portanto, de ser a matriz da identidade pessoal e social, uma vez que é nela que se fundamenta o sentimento de autonomia e independência baseado no processo de diferenciação, que permite a consciência de si como alguém diferente e separado do outro (Macedo, 1994). Neste sentido, a família enquanto ambiente psicossocial é vista como responsável pela transmissão de valores, crenças, costumes, linguagem e ideias que estão também presentes na sociedade (Viera, 2011). Com o surgimento de novas configurações familiares, aparece temor por parte das sociedades no sentido de que a família perca a capacidade de transmitir esses mesmos valores (Zambrano, 2008), uma vez que esta exerce uma forte influência sobre o comportamento dos indivíduos que a compõem. Nomeadamente o das crianças, que aprendem as diferentes formas de existir, de ver o mundo e de construir as suas relações sociais (Dessen & Polonia, 2007). A família constitui, assim, a unidade dinâmica das relações afetivas, sociais e cognitivas que estão relacionadas com as condições materiais, históricas e culturais de um determinado grupo social (Almeida-Filho *et al*, 2005; Dessen & Polonia, 2007).

Por outro lado, é também através das configurações familiares e da construção relacional de género que ocorre a construção identitária. Por isso, a família constitui-se como um espaço no qual também os papéis de género e também os pré-conceitos, as interdições e os tabus são instaurados, construídos, reafirmados ou refutados. Diante disto, nem sempre a qualidade das relações intrafamiliares permitem o diálogo franco e aberto entre os seus elementos, e muitas das vezes a repressão sexual instala-se ocasionando na maioria das vezes estigmas, dificuldades relacionais e vivenciais perante a transgressão de normas previamente estabelecidas. Assim, relações homossexuais podem condicionar e proporcionar stress nos membros de toda a família (Santos, 2004). Neste contexto coloca-se a questão que papel tem a família na homossexualidade dos seus elementos? Como é que ela contribui para a homossexualidade? De acordo com Freud (2009), a sexualidade é fundada nas primeiras experiências afetivas do bebé logo os pais seriam importantes na constituição da homossexualidade uma vez que estes são os elementos responsáveis pela resolução do “Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais



complexo de Édipo. No menino, a identificação com o pénis está na base da heterossexualidade, enquanto a criança que direcciona o seu desejo para o pénis do pai contribui para tendências homossexuais (Grinberg & Grinberg, 1976). Por sua vez, a menina é forçada a abandonar a mãe por não lhe ter proporcionado um pénis e voltasse para o pai que lhe poderá dar (Grinberg & Grinberg, 1976; Segal, 2008). Por outro lado, a homossexualidade pode advir da presença excessivamente protetora da mãe, e/ou de um pai ausente. Diante disto, podemos afirmar que a homossexualidade tem por base as relações parentais.

Por conseguinte, estas relações contribuem ainda, tanto para um desenvolvimento saudável quanto patológico dos seus elementos (Macedo, 1994) através das relações entre os elementos que se estabelecem. Neste sentido, os laços afetivos formados na família, nomeadamente entre pais e filhos, podem condicionar o desenvolvimento saudável e os padrões de interação que possibilitam o ajustamento dos indivíduos a diferentes ambientes, proporcionando relações saudáveis ou provocando problemas, alterando a saúde mental e física dos indivíduos (Macedo, 1994). Neste contexto, a interação estabelecida entre pais e filhos relaciona-se com a forma como a parentalidade é exercida e com a forma de como ela é vivida.

Neste contexto, importa atentar à parentalidade, de forma a perceber em que medida esta pode contribuir para a construção da percepção do mundo, para a construção da personalidade e consequentemente para a construção da identidade sexual. Assim sendo, a parentalidade é um subsistema familiar que emerge com a chegada da criança (Alarcão, 2000). Já no século XV é a criança que constrói o significado de família, tornando-se portanto no elemento central da cena familiar (Paiva & Rodriguez, 2009). Contudo, Winnicott (2006) refere que a parentalidade parece ser necessária mesmo antes do nascimento do bebé, através do desejo no qual o casal insere o filho. Nele serão depositadas as fantasias, os projectos, as expectativas, não só dos pais mas também dos outros elementos familiares (Abreu, Álvares & Campos, 2007).

Com efeito, a emergência do subsistema parental mostra-se ser importante no desenvolvimento emocional não só da criança mas também dos pais (Alarcão, 2000). Isto é, tanto a parentalidade como a filiação são sustentadas no relacionamento entre pais e filhos e no desenvolvimento emocional e psíquico dos pais e dos filhos (Paiva & Rodriguez, 2009). Daí a importância da presença de um pai e de uma mãe para o desenvolvimento afectivo e social da criança bem como para a construção da sua personalidade (Biblarz & Stacey, 2010; Etchegoyen & Trowell, 2002). Por outro lado, de acordo com Mowder (2005, como citado em Mowder, Respler-Herman, Shamah & Yasik, 2012) a parentalidade, engloba questões como o vínculo, a disciplina, a educação, o bem-estar geral e proteção da criança, a responsabilidade e a sensibilidade. As funções parentais assumem desta forma, um

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

caracter operacional, cujo propósito reside no sustento da criança imatura. De outra forma, as funções parentais devem proporcionar o suporte do filho na sua trajectória de amadurecimento. Neste contexto, estas funções têm sentidos e perspectivas diferentes consoante o momento de vida da criança (Passos, 2007).

O modelo parental que comporta os modelos maternal e paternal permitem aos pais assumir as suas funções parentais baseadas nas funções maternas e paternas. Estas funções e a forma como são encaradas dependem de componentes socioculturais, em que certas funções são atribuídas ao pai e outras à mãe (Relvas, 1996). No senso comum, os papéis parentais estão ligados ao sexo biológico daqueles que os exercem. Desta forma, a mãe é sempre uma mulher pois é aquela que gere e dá à luz, e o pai, sempre um homem, pois é aquele que fecunda e que é responsável pelo ensinamento das regras e normas sociais (Viera, 2011). Contudo, como pensar hoje as funções parentais se muitas vezes os homens assumem funções ditas femininas e vice-versa? E as novas configurações parentais? Como pensar as funções parentais num casal homossexual? (Kamers, 2006). Diante da multiplicidade de famílias, os papéis e funções parentais acabam por se dissociar no sexo de quem os desempenha. Neste sentido, Santos (2004) defende que as funções maternas e as funções paternas não podem nem se relacionam directamente com o género do cuidador mas antes com a personalidade do indivíduo. Por outro lado, as funções parentais constituem-se, essencialmente, em perspectiva simbólica, que organiza as atribuições maternas e paternas. Estas funções não exigem a presença de uma diferenciação sexual para que haja pai e mãe. Portanto, a diferenciação sexual de um casal não é elemento primordial no desempenho das funções materna e paterna. Mais do que a sexualidade, o que diferencia as posições parentais num casal são os enunciados simbólicos que cada membro do casal desempenha perante o filho. Esta visão traz consigo um novo olhar e entendimento sobre as novas configurações de família, nomeadamente sobre a família homoparental mostrando deste modo a necessidade de flexibilidade dos papéis parentais (Paiva & Rodriguez, 2009). Num casal homossexual, é a forma como este se dá ao filho que constituem os fundamentos da parentalidade e da estrutura do grupo familiar (Passos, 2007).

A parentalidade é influenciada não só pelos componentes socioculturais mas é igualmente influenciada pelas crenças parentais (Mowder, 2005, como citado em Mowder, Respler-Herman, Shamah & Yasik, 2012). Também o stress parental e o apoio social são factores que influenciam significativamente a parentalidade (Belsky, 1984, como citado em Mowder, Respler-Herman, Shamah & Yasik 2012). Assim como pelas próprias experiências dos pais enquanto filhos (Mowder, 1993, como citado em Mowder, Respler-Herman, Shamah & Yasik, 2012). A infância dos pais pode gerar experiências gratificantes de parentalidade ou experiências dolorosas. Quando a

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

infância dos pais é fantasmática, toda a sua vida pode ficar condicionada por experiências dolorosas, que se traduzem em relações perturbantes e que condicionam então a parentalidade e a forma como é construído um *bebé imaginário* (Sá, 2009). Por outro lado, quando na construção da função parental predomina a infância na fantasia, pode afirmar-se que estão formadas as condições para a saúde mental da criança. A infância na fantasia leva à reprodução das experiências e relações gratificantes pela vida fora, interferindo na forma como se é pai. Uma infância fantasmática traduz-se num conjunto de memórias muito dolorosas que perseguem e condicionam a parentalidade e também a saúde mental das crianças (Sá, 2009).

## 2.1 Papel da mãe

De acordo com a perspectiva psicanalítica, cada membro da família (mãe, pai e filho (s)) desempenha uma determinada função (Viera, 2011). Assim, a função materna intrinsecamente está ligada ao desejo da mãe pelo filho que é sustentado pela fantasia de que este é capaz de completar a mãe e de que esta é capaz de completar o filho. É com base nesta incompletude, que o bebé tende a construir as suas representações mentais parentais consoante a alternância da presença e ausência da mãe. Neste contexto, quando a mãe está ausente, o bebé pode “reclamar” pela sua presença e pelos seus cuidados (Poston, 2004). Estas experiências vão favorecer o vínculo maternal e é a partir destas que o bebé passa a identificar a mãe como objeto de satisfação do seu desejo (Borges, 2005), escapando ao que Freud designou como desamparo original (Sá, 2003). Esta função não tem necessariamente de ser desempenhada pela mãe biológica desde que na ausência desta haja um substituto capaz de preservar o desejo pela criança (Vieira, 2011). Importa referir que o substituto da mãe biológica pode ser uma pessoa de qualquer sexo ou género e de qualquer orientação sexual (Vieira, 2011) mas que invista libidinalmente de forma a suprir as necessidades da criança. Neste sentido, de acordo com as novas configurações familiares e novos papéis, nem sempre a mulher é a mãe e nem sempre a mãe tem de ser mulher. Neste sentido, atentando à importância da função materna, numa situação em que haja um casal homossexual masculino, é necessário que pelo menos um dos membros do casal assuma não só os cuidados básicos do bebé como também se encarregue de encarnar a função materna (Borges, 2005). Do mesmo modo, num casal de mulheres é essencial que um dos membros se encarregue de assumir as funções maternas.

Assim sendo ao longo dos tempos com a evolução das sociedades, o papel da mãe foi-se modificando e várias teorias acerca deste foram surgindo. Para Freud a figura maternal não podia separar-se do género feminino (Borges, 2005). A mãe era apontada como fundamental para a resolução do complexo Edipiano (Vieira, 2011). Este é não só o conflito mais importante na determinação do desenvolvimento psicológico da criança (Etchegoyen & Trowell, 2002), que marca a passagem para a maturidade como também é o

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

conflito a partir do qual as relações que constituem a família humana se organizam (Lacan, 1938 como citado em Geets, 1971, Etchegoyen & Trowell, 2002). Sob um ponto de vista clássico, verdadeira questão Edipiana coloca-se no facto de a criança perceber que o seu primeiro objecto de amor (a mãe) sente desejo por outro objecto que é o pai, passando de uma díade para uma triangulação (Downey & Friedman, 1998). Fenichel (1981, como citado em Sá, 2003) refere um complexo de Édipo positivo (onde o amor pela mãe prevalece sobre o amor pelo pai) e um complexo de Édipo negativo (amor pelo pai prevalece sobre o amor pela mãe) (Zimerman, 1999). As crianças acreditavam que tanto os homens como as mulheres têm um pénis e ao descobrirem que a mãe não possui pénis surge raiva (Etchegoyen & Trowell, 2002). As crianças afastam-se da mãe frustrante e direccionam-se para o pénis do pai que passa a ser o objeto de desejo (Geets, 1971). Neste caso, o que acontece à criança em famílias homoparentais? É neste sentido que surge a ameaça de castração em que o menino é forçado a abandonar o desejo de possuir a mãe, em rivalidade com o pai. É a partir da angústia de castração que a crise edipiana tem termo através do recalçamento dos desejos, da renúncia aos pais como objeto de desejo e através da incorporação dos pais como objecto de identificação (Nasio, 2007). Os desejos sexuais pelo pai do sexo oposto são então recalçados pela barreira do incesto, existente segundo Freud (2009) devido à sociedade e cultura (Migueluez, 2007). Neste sentido, a mãe apresenta-se como o objeto de amor, de desejo e como o objeto a ser perdido para o outro, o pai, que seria o objeto de proibição.

Já para Winnicott (2006), a mãe é essencial no suporte físico do filho, na sua sustentação, no carinho, no dar colo, tarefa que o autor designou como  *Holding* (Sá, 2003). Nesta relação de satisfação das necessidades que a mãe suficientemente boa se torna o primeiro objeto de amor. A mãe suficientemente boa é capaz de se adaptar às necessidades do bebé, estabelecendo uma relação com este de forma a introjetar as suas ansiedades de uma forma mais suportável (Poston, 2004). Quando a mãe não é suficientemente boa, o bebé experimenta sentimentos de desintegração e perda do sentimento do real (Winnicott, 2005). Segundo Klein (1997) a criança começa a formar um mundo interno habitado por objetos bons e objetos maus de acordo com a percepção e fantasias inconscientes do mundo real. É neste sentido, que a mãe é importante pois se lhe proporcionar conforto, amor e compreensão surgiram emoções mais satisfatórias (Klein, 1997). Para Bion, a mãe é um ser capaz de perceber o que se passa com o seu filho através da intuição (*rêverie*). É ainda capaz de detectar as identificações projectivas da criança, independentemente de serem compreendidas por esta como boas ou más (função  $\alpha$ ) (Zimerman, 2004). Neste sentido, a mãe é capaz de acolher as projecções do filho dentro dela, gerando a posição a que Bion designa como continente. Por todas as funções importantes que a mãe desempenha no desenvolvimento da criança, Winnicott afirma ser

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

impossível conceber um bebé sem a sua mãe, pois não é concebível a ideia de desenvolvimento de uma criança sem que a mãe não esteja incluída (Winnicott, 2006). Aliás a relação que a criança estabelece com a mãe parece imprescindível uma vez que promove o crescimento para níveis cada vez mais complexos (Sá, 2009). Em muitas situações, a ausência ou falha na função materna desencadeia casos de falhas na separação, depressão, psicose infantil e autismo (Vieira, 2011).

## 2.2 Papel do pai

No imaginário social, se o papel da mãe está muito associado aos cuidados dos filhos, o papel do pai ainda está ligado à disciplina e autoridade (Borges, 2005). No entanto, hoje, o pai passou a assumir um papel de maior relevo desde o nascimento da criança. O divórcio, a entrada de um grande número de mulheres no mercado de trabalho, e o aumento da consciência do significado e da importância da paternidade tem possibilitado o aparecimento de novas formas de relação entre os homens e as mulheres como também novas formas de cuidados da criança, em que o pai começou a ter novos encargos passando muitas vezes a desempenhar o papel da mãe (Scuul, 1992 como citado em Faria, 2003). Assim, esta mudança nos papéis sociais parece apontar na direcção do que foi dito para a função materna, em que como afirmou Lacan o sexo ou género daquele que desempenha a função paterna não parece preponderante (Vieira, 2011).

Neste sentido, em que consiste a função paterna? Os primeiros psicanalistas já haviam esclarecido que o pai é uma figura central na vida mental dos filhos (Etchegoyen & Trowell, 2002). Winnicott explicou que na primeira infância, o pai tem o papel de apoiar a mãe nas suas preocupações maternas primárias, de forma a fornecer um ambiente de *holding* e evitar imposições desnecessárias sobre o bebé (Etchegoyen & Trowell, 2002). Por outro lado, a presença de um “terceiro”, normalmente o pai, é essencial para a separação psíquica entre mãe e filho de forma a por termo ao complexo de Édipo (Zambrano, 2006). Nos casais gays ou lésbicos a função psíquica exercida pelo “outro” pode ser cumprida pelo parceiro/a do pai ou mãe. Ao ser identificado o objecto de desejo por parte da mãe ou do pai, é introduzido na relação fusional inicial estabelecida entre a mãe e o filho o “outro” que é desejado. Neste contexto, para a criança o sexo da pessoa desejada não interessa, apenas basta a descoberta da existência de uma pessoa por quem o pai ou a mãe sente desejo (Zambrano, 2006). A inserção do pai na relação mãe-filho configura uma triangulação necessária à produção de um mundo simbólico. Nesta triangulação, a criança começa por encarar o pai como um irmão que compete por uma relação privilegiada com a mãe. Num segundo momento, o pai revela-se um castrador pois corta a relação imaginária entre a criança e a mãe. O pai aparece como uma figura onipotente que proíbe o desejo pela mãe. Este corte é essencial para a construção de um sujeito (ego ideal) com uma estrutura separada da mãe (Lacan, 1966, Etchegoyen & Trowell, 2002). Num terceiro

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

momento, o pai possibilita uma identificação positiva com ele próprio, momento em que a criança renuncia a ser pai para passar a ser como o pai (Etchegoyen & Trowell, 2002). É precisamente neste contexto que se estabelece a *função paterna* de Lacan, em que o pai representa o desejo da mãe e que controla as relações tidas na fantasia da criança com a mãe e com o rival fraterno. É portanto, com base nesta operação psíquica que a criança conseguirá estabelecer laços com a família (Vieira, 2011). O pai, torna-se portanto, no modelo para identificações dos filhos no processo de formação da identidade sexual e nos papéis sociais

Os estudos também têm evidenciado a importância dos pais no crescimento dos filhos. (Popenoe, 1996, como citado em Biblarz, Stacey, 2010). Wilson (2002, como citado em Biblarz, Stacey, 2010) mostrou que os pais são essenciais no crescimento dos filhos do sexo masculino pois ajudam no desenvolvimento da identidade masculina, na inibição de comportamentos anti-sociais como a violência, criminalidade e abuso de substâncias. Por outro lado, no crescimento das filhas, os pais ajudam no desenvolvimento da feminilidade heterossexual ajudam a minimizar a promiscuidade e a gravidez na adolescência (Popenoe, 1996, como citado em Biblarz, Stacey, 2010; Wilson, 2002, como citado em Biblarz, Stacey, 2010). As pesquisas têm evidenciado também que os pais que são casados envolvem-se mais em tarefas masculinas estereotipadas e brincam mais com as crianças (Hawkins *et al* como citado em Biblarz, Stacey, 2010), nomeadamente com os filhos (Harris, Furstenberg, Marmer, 1998, Marsiglio, 1991). Apesar do estereótipo de que os pais são mais disciplinares com os filhos, a verdade é que as mães utilizam com mais frequência a punição física do que os pais, porque estas gastam muito mais tempo a cuidar dos filhos (Biblarz, Stacey, 2010).

### **3. Família e parentalidade homossexual**

Com o reconhecimento das relações homossexuais por parte dos governos e das próprias sociedades (Donovan & Wilson, 2005), a questão da parentalidade gay e lésbica começa a ser colocada. O aparecimento da família homoparental levanta duas grandes questões. A primeira diz respeito ao conceito de família e a segunda diz respeito ao que necessita uma criança na família (Paiva & Rodriguez, 2009). Muitos questionam a necessidade de um casal heterossexual na educação da criança de forma a proporcionar um modelo de diferenciação sexual (Paiva & Rodriguez, 2009). Neste sentido, várias são as críticas dirigidas à parentalidade homossexual que podemos encontrar nos diversos meios tais como, a ideia de que nas famílias homossexuais há risco de pedofilia, a ideia de que o desenvolvimento das crianças é ameaçado a quando a exposição da vida familiar homossexual (Patterson, 2002, zambrano, 2006), levando a problemas emocionais e comportamentais provocados pelo stress de se ser criado numa família atípica (Clarke, 2001). Por outro lado, as críticas

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

apontam que estas crianças têm dificuldade de identificação decorrentes da ausência da figura de um dos progenitores. Do mesmo modo, as restantes críticas apontam que as crianças com pais homossexuais são mais estigmatizadas devido à homofobia, levando ao isolamento e rejeição por parte dos colegas (Golombok et al, 1983), surge ainda a crença de que a parentalidade homossexual é antinatural pois a bíblia sugere que a homoparentalidade é pecado, e a crítica de que os pais homossexuais são egoísta pois ignoram os interesses das crianças e de que Filhos de homossexuais vão tornar-se homossexuais (Clarke, 2001). Por outro lado, o medo de que as famílias heterossexuais tradicionais comecem a desaparecer está também presente e faz com que a parentalidade homossexual constitua uma questão crítica para qualquer pessoa que se sinta interessada na possibilidade de mudança social (Donovan & Wilson, 2005). Todas estas críticas incomodam as sociedades levando ao desejo de estas protegerem as crianças e mantê-las longe dos cuidados dos homossexuais. Donovan e Wilson (2005) acreditam que as crianças parecem representar o limite da tolerância em relação às questões homossexuais. Contudo, todos os tipos de família podem oferecer vantagens e riscos para a criança (Biblarz, Stacey, 2010).

Apesar das críticas apontadas à configuração homoparental, as pesquisas têm mostrado que a ausência dos pais dos dois sexos parece não influenciar o desenvolvimento da identidade sexual e o desenvolvimento psicológico da criança (Zambrano, 2006). Zambrano (2006) acrescenta ainda que a parentalidade pode ser exercida não só por casais heterossexuais como também por casais homossexuais em que a função materna ou função paterna pode ser executadas por qualquer um dos membros do casal, mesmo que essa função seja exercida mais marcadamente por um dos parceiros. Já Winnicott (2005) disse que o desenvolvimento psíquico saudável da criança depende, sobretudo, da qualidade do vínculo que esta estabelece com os seus cuidadores. Esta visão tem um papel fundamental para a compreensão das famílias homoparentais (Paiva & Rodriguez, 2009). Hemo (2000) refere que o mais importante para o desenvolvimento da criança envolve uma rica variedade de membros da família, redes de suporte e disponibilidade de recursos da vizinhança e comunidade. Neste sentido, estes diferentes meios permitem que a criança tenha acesso a muitos modelos e distintos de feminilidade e de masculinidade que servem de base para a construção da sua identidade sexual (Santos, 2004). Também Flavigny, (2006) acredita que o importante para a criança é que esta cresça a partir de uma relação com os seus pais e não a partir de um vínculo matrimonial. Vários autores (Biblarz, Stacey, 2010; Averret, Nalavany & Ryan, 2009) têm demonstrado que género dos pais tem pouca importância para o ajustamento psicológico e para o sucesso social das crianças mas correlaciona-se com as formas de relação entre pai e filho. Neste sentido, a orientação sexual não prediz o desejo de se ser um bom pai ou não, segundo, por norma as crianças que estão para ser adoptadas e

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

que percorreram vários lares acabam por encontrar um lar, uma família homossexual onde se sentem bem-vindas (Mallon, 1993, Zambrano, 2006).

Assim sendo, porque cada vez mais os gays e lésbicas optam pela maternidade e paternidade surge a necessidade de evidenciar esta situação. Ao atribuir-se um nome a este tipo de famílias permite-se que adquiram existência e por outro lado, permite o seu estudo e a sua problematização (Zambrano, 2006, Paiva & Rodrigues, 2009). Neste sentido, emerge o termo *homoparentalidade*- uma situação em que pelo menos um adulto homossexual assume a parentalidade homossexual, o prefixo *homo* sugere a orientação sexual dos pais e compreende simultaneamente o significado de paternidade e maternidade (Paiva & Rodriguez, 2009) foi criado em 1997 pela Associação de Pais e Futuros Pais Gays e Lésbicas (APGL), em Paris (Causse & Müller, 2009; Uziel, 2004; Zambrano, 2006). Atualmente o dicionário diz que a homoparentalidade é um estado ou condição do pai ou da mãe homossexual ou de um casal homossexual com filhos (<http://www.priberam.pt/dlpo/>). Ao recusar chamar “família” a estas situações e negar a presença de vínculos entre os membros, estamos a formatar o conceito de família a uma única configuração, que atualmente não corresponde à diversidade de famílias existentes nas sociedades (Zambrano, 2006).

### **3.1 Uma visão dos estudos sobre a Parentalidade Homossexual**

O aumento da visibilidade da homoparentalidade ou da parentalidade exercida por pessoas de orientação homossexual, tem motivado a discussão em diferentes áreas como a antropologia, psicologia, medicina ou a religião (Paige, 2005). Neste sentido, os investigadores começam a interessar-se pelo estudo desta problemática, nomeadamente interessam-se em perceber: se serão os pais homossexuais bons pais? Será que a orientação sexual dos pais determina o desenvolvimento da criança? Os filhos dos casais homossexuais vão ser também homossexuais? Como lidam as crianças com o preconceito? (Zambrano, 2006). Tais estudos serão apresentados brevemente de seguida.

Considerando que os homossexuais não são competentes no exercício da parentalidade, a American Psychological Association (APA) em 2004, recorrendo a uma revisão de estudos realizados no domínio da homoparentalidade, afirmou que não existe evidências científicas que comprovem esta afirmação, tendo por base apenas a orientação sexual. Aliás os estudos têm apontado que os pais homossexuais são tão capazes como os pais heterossexuais de criar ambientes saudáveis para os seus filhos (Paige, 2005). Por sua vez, contrariamente a posição de que crianças precisam tanto de uma mãe como de um pai, os estudos não têm evidenciado que as famílias com pai e mãe biológico e famílias em que os pais são casados são melhores que os outros tipos de famílias para a criança. As

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais



investigações também não conseguiram mostrar habilidades parentais que fossem exclusivas a um determinado género (Biblarz, Stacey, 2010).

As pesquisas que existem sobre a parentalidade gay e lésbica estão por norma relacionadas com os casais gays ou lésbicas que se tornaram pais por meio da adoção, coeducação ou através das relações heterossexuais anteriores (Tuazon-McCheyne, 2010). Kindler e Erich (2005). Num estudo efetuado por Goldberg e Smith (2009) com famílias adoptivas (47 casais lésbicos, 31 casais gays e 56 casais heterossexuais) verificou-se que em média os pais se percebiam cada vez mais qualificados para o seu papel, sendo que os pais gays se percebiam mais qualificados do que as mulheres lésbicas. Neste estudo, tanto as mulheres heterossexuais como as mulheres homossexuais mostraram mais competências do que os homens. Este dado, vêm de encontro ao fato de que nas sociedades ser-se mulher (independentemente de ser lésbica) tem um peso maior nos cuidados parentais, traduzindo-se em maiores competências parentais. Por outro lado, o estudo indicou que os homens gays mostraram mais competências parentais que os homens heterossexuais, o que reflecte a necessidade que um dos membros do casal gay tem de adoptar a função materna (Borges, 2005). Também no sentido de comparar pais adoptivos gays com pais adoptivos heterossexuais, Lichtanski (2004) elaborou uma pesquisa que incluiu diversas variáveis, como a percepção das habilidades parentais, o nível parental de stress, o estilo da parentalidade e o suporte social. Os resultados mostraram que os grupos não diferiram na percepção de habilidades parentais, nem nos níveis de stress parental. Os pais gays obtiveram níveis mais elevados no envolvimento, nas escalas de apoio social e interacção social. Os pais heterossexuais mostraram níveis mais elevados de falta de autoconfiança, enquanto os pais gays tiveram uma média elevada no apoio instrumental disponível. Em resumo, os resultados deste estudo indicaram que os homens gays adoptam igualmente bem ou melhor que os homens heterossexuais (Lichtanski, 2004). Estes resultados, corroboram assim a afirmação de que a diferenciação sexual não é o elemento primordial no desempenho da parentalidade. Neste sentido, de acordo com este estudo, pode afirmar-se que é a forma como se exerce as funções parentais que fundamenta a parentalidade (Passos, 2007).

Igualmente Averret, Nalavany e Ryan (2009) pretenderam fazer uma avaliação da adoção por gays/lésbicas e por heterossexuais. Neste sentido, os autores propuseram-se a explorar os problemas emocionais e comportamentais das crianças. Os resultados indicaram que os comportamentos internalizados e externalizados das crianças não são contingentes com a orientação sexual dos pais adoptivos. Independentemente da orientação sexual, os pais adoptivos encontram desafios similares no que toca a fatores de risco para problemas comportamentais infantis bem como fatores que atenuem os ditos comportamentos. Neste sentido, a orientação sexual dos pais

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

adoptivos da amostra não teve um impacto significativo sobre os comportamentos de internalização ou externalização das crianças (Averret, Nalavany & Ryan, 2009).

Berkowitz & Ryan (2009) focaram a sua investigação numa análise sobre como os pais gays e as mães lésbicas organizam e constroem a sua família. Os resultados sugeriram que os gays e lésbicas estão preocupados com o impedimento da sua reprodução por pessoas homofóbicas e como tal recorriam a clínicas e agências de adoção com muita cautela. Por outro lado, num estudo efetuado por Patterson e Riskind (2010) verificou-se que os homens gays e as mulheres lésbicas expressaram menos desejo de serem pais do que os heterossexuais. Contudo, de acordo com este estudo, apesar dos homossexuais serem menos propensos a expressar o desejo de serem pais, eles aprovam o valor da paternidade. Embora o seu desejo de parentalidade seja inferior ao dos heterossexuais, 62% dos homens gays mostraram desejos de serem pais e 83% das mulheres lésbicas também. Isto indica que os políticos e médicos não devem assumir que os sujeitos homossexuais não estão interessados na parentalidade (Patterson e Riskind, 2010).

Na tentativa de compreender os preditores de stress parental em pais adoptivos gays, Farr, Patterson e Tornello (2011) preocuparam-se em perceber se os adultos gays e lésbicas são afetados pela qualidade da sua identidade sexual. Esta pesquisa mostrou que os pais com menos apoio social, crianças mais velhas e crianças que foram adoptadas em idades mais avançadas relataram maior stress parental. Mostraram também que o stress parental em todos os pais gays se enquadrava no nível normativo e bem abaixo dos níveis clínicos. Os pais com mais incerteza em relação à identidade relataram maior nível de stress. Segundo os investigadores, os resultados sugerem que um bom apoio social e a uma identidade gay positiva facilitam a parentalidade dos pais adoptivos gay (Farr, Patterson e Tornello, 2011).

Uma meta-análise elaborada por Crowl et al (2008, como citado em Tasker, 2010) estudou as diferenças entre as crianças criadas por pais heterossexuais e por pais do mesmo sexo. Não se verificou diferenças entre as crianças no que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo, ajustamento psicológico, identidade de género e preferência sexual de parceiro. O autor percebeu ainda que os pais não heterossexuais tem significativamente uma melhor relação com os filhos do que os pais heterossexuais. De acordo com este estudo, pode afirmar-se que a orientação sexual dos pais não prediz o bom exercício da parentalidade. Por outro lado, os resultados não apoiam a crença de que o desenvolvimento das crianças criadas em famílias homossexuais estaria comprometido. Estes resultados sugerem também que a ausência dos pais dos dois sexos parece não influenciar o desenvolvimento da identidade sexual e psicológico da criança. Neste sentido, a parentalidade pode ser exercida também por casais

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

homossexuais desde que se cumpra a função materna e a função paterna (Zambrano, 2006; Passos, 2007).

Já o estudo de Paiva e Rodriguez (2009) visou investigar o exercício da homoparentalidade e a percepção que os pais têm sobre os seus papéis parentais. Os resultados mostraram que as famílias homossexuais apenas se diferenciavam das restantes pelo preconceito que sofrem, pela falta de apoio social e aceitação por parte dos familiares e amigos (Paiva & Rodriguez, 2009). Estes resultados podem sugerir que a falta de apoio social bem como a aceitação da orientação sexual por parte de amigos e familiares pode condicionar ou influenciar a forma como é exercida a parentalidade. Já Biblarz e Stacey (2010) verificaram sobretudo semelhanças entre o comportamento parental das pessoas lésbicas/gays e o comportamento parental das pessoas heterossexuais. Quando se registaram diferenças, estas por norma favorecem os comportamentos parentais homossexuais nos mais variados domínios como a divisão do trabalho doméstico e qualidade da relação conjugal, e parentalidade e qualidade das relações pais-filhos (Biblarz & Stacey, 2010). Estes resultados sugerem mais uma vez que os pais homossexuais são tão bons pais como os heterossexuais.

Após a visão geral dos estudos em torno da homoparentalidade, importa agora expor a trajectória metodológica à qual ancoramos esta pesquisa.

## **II. Objetivos e hipóteses**

A investigação tem mostrado cada vez mais interesse pela problemática da homoparentalidade nas suas diversas componentes, revelando a não existência de diferenças entre crianças criadas por pais homo ou por pais heterossexuais no desenvolvimento cognitivo, identidade de género e preferência sexual de parceiro. Tomando em consideração a orientação sexual dos pais, será que esta influência as representações parentais? Será que as representações parentais da parentalidade são distintas para as diferentes populações? De uma forma geral, o que é que ambas as populações consideram ser “bons pais”?

Neste sentido, tomando em consideração que a homoparentalidade é uma situação que designa a vontade de constituição de família com filhos por parte de casais homossexuais, o presente estudo tem como principal objetivo comparar as representações parentais da parentalidade tendo em consideração dois tipos de população: a heterossexual e a homossexual (Causse & Müller, 2009). Nesta investigação, por indivíduos homossexuais entenderam-se todos os gays, lésbicas e bissexuais. Procurou-se perceber em que medida é que estas diferentes populações divergem ou convergem entre si no que diz respeito às representações da sua parentalidade. Porque a parentalidade Homossexual é um fenómeno presente nas sociedades, tentou-se compreender as significações

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

parentais de “bons pais” no exercício da parentalidade. Para além deste objetivo, foram também explorados os desafios da parentalidade que englobam o respeito mútuo pelas opiniões e as percepções de cumplicidade na dinâmica relacional pais-filhos; o suporte dado nas dificuldades no decurso do crescimento e a proximidade e acompanhamento do crescimento e desenvolvimento dos filhos (Causse & Müller, 2009).

Em relação aos dados portugueses estes dizem que 65% dos portugueses acreditam que a discriminação do tipo de orientação sexual já não é um fenómeno visível no país. Quanto à questão da parentalidade, apenas 19% dos portugueses concordam com a adopção por parte de homossexuais (Euro barómetro, 2006 como citado em Gato, Fontaine & Carneiro, 2011).

### III. Metodologia

Nesta secção, é feita a caracterização da amostra do estudo, os procedimentos utilizados bem como a caracterização dos instrumentos utilizados.

#### 1. Opções Metodológicas

De acordo com os objectivos traçados, desenhou-se um estudo exploratório comparativo (Pais-Ribeiro, 1999). O desenho deste estudo visa a comparação de duas populações (homo e heterossexual) nas suas significações de “bons pais”. Esta investigação enquadra-se assim, no paradigma quantitativo, pois procura a obtenção de fatos que possam dar informação de uma situação que se quer explicar. As variáveis em estudo seriam: as representações parentais (variável dependente) que englobam os desafios da parentalidade, o suporte/exigência e a proximidade/responsividade; e a orientação sexual (variável independente).

#### 2. Amostra

A amostra recrutada para o presente estudo, engloba dois tipos de população, a homossexual e a heterossexual. As duas amostras recolhidas, com 15 participantes cada, foram recolhidas por todo o país, sendo que a maioria dos inquiridos residia na zona Centro (48,4%), Grande Lisboa (32,3%) e Arquipélago dos Açores (9,7%). A maioria da amostra é do género feminino (71%), havendo 8 inquiridos do sexo masculino (25,8%). As idades variam entre os 20 e os 55 anos, com uma média de 41, 03 anos (DP= 8, 908). A maioria das pessoas amostradas possuía licenciatura/bacharelato ou 10 a 12 anos de escolaridade (45,2%). No que diz respeito à religião, verificou-se que o mais frequente era os inquiridos serem crentes não praticantes (38,7%), no entanto muitos dos sujeitos consideravam-se não crentes (32,3%). Quanto ao estado civil quase a totalidade das pessoas amostradas eram casadas (64,5%), estando num relacionamento de pelo menos 10 anos ou mais (61,3%). A maioria das pessoas inquiridas tinha em média 1 filho (M=1,50; DP=.682), sendo que

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

80,06% desses filhos eram biológicos e apenas 16,1% eram filhos afectivos/sociais. Constatou-se também que a maioria dos filhos vive com os pais (80,06%) (*cf.* anexo 3).

**Tabela 1. Caracterização da amostra em função do género, orientação sexual, idade, habilitações literárias, religião, área de residência, religião, estado civil, número de filhos e coabitação (n=30)**

	N	%
<b>Género</b>		
Feminino	22	71
Masculino	8	25,8
<b>Orientação sexual</b>		
Heterossexual	13	41.9
Homossexual	15	48.4
Bissexual	2	6.5
<b>Idade</b>		
M = 41, 03		
D.P =8, 908		
<b>Habilitações literárias</b>		
5 a 6 anos de escolaridade	1	3.2
10 a 12 anos escolaridade	12	38.7
Licenciatura/Bacharelato	14	45.2
Mestrado	1	3.2
Doutoramento		
Outro	1	3.2
<b>Área de Residência</b>		
Centro	15	48.4
Grande Lisboa	10	32.3
Arquip. Açores	3	9.7
Outra	1	3.3
<b>Religião</b>		
Não crente	10	32.3
Crente não praticante	12	38.7
Crente praticante	8	25.8
<b>Estado civil</b>		
Casado(a)	20	64.5
Solteiro(a)	6	19.4
Divorciado(a)	1	3.2
Viúvo(a)	1	3.2

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

União de facto	2	6,5
<b>Duração do relacionamentos</b>		
menos de 1 ano	2	6,5
1-2 anos	3	9,7
2-5 anos	6	19,4
10 anos ou mais	19	61,3
<b>Número de Filhos</b>		
1	18	58,1
2	9	29,0
3	3	9,7
<b>Filhos coabitam</b>		
sim	25	80,6
não	2	6,5
mais de metade do tempo	3	9,7
<b>Filiação</b>		
biológico	25	80,6
social/afectivo	5	16,1

---

### 3. Instrumentos

Como referido anteriormente, o objetivo passa pela avaliação das representações parentais da parentalidade e para o efeito, utilizou-se um questionário sociodemográfico desenvolvido para o efeito e uma Escala de Atitudes e Representações da parentalidade (EARP).

- **Questionário Sociodemográfico** que engloba questões relativas à idade, sexo, ano de escolaridade, orientação sexual, área de residência, religiosidade, estado civil, número de filhos e duração da relação de casal.

- **Escala de Atitudes e Representações da Parentalidade (EARP)** é composta por 22 itens de escala de tipo Lickert e quatro questões abertas que avalia concretamente as representações e significações parentais de “bons pais”. Neste estudo em concreto utilizou-se uma versão reduzida que contempla apenas a escala de 22 itens tipo Lickert. Neste sentido, os 22 itens da escala de tipo Lickert compreendiam 5 níveis de resposta: “discordo”, “discordo moderadamente”, “nem concordo nem discordo”, “concordo moderadamente e concordo”. A escala é constituída por 3 subescalas que avaliam os Desafios da Parentalidade (itens 1 a 11), Suporte/Exigência (itens 12 a 18) e Proximidade/Responsividade (itens 19 a 22). A análise da consistência interna da escala revelou um *alfa de Cronbach* de.858 e uma correlação média inter-item de.249, revelando uma boa consistência interna. A análise fatorial revelou um “Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

modelo de três fatores, explicativo de 45.618% da variância dos resultados. A subescala desafios da parentalidade traduz-se num fator compósito constituído por 11 itens explicativos de 28.847% dos resultados, onde constam conteúdos como a partilha de interesses, o conhecimento mútuo, a disponibilidade e partilha de tempo livre, a cumplicidade na dinâmica relacional pais-filhos, o respeito mútuo pela opiniões e percepções, o altruísmo parental ou a importância proveniente do feedback filial de forma a reforçar a auto-estima e confiança parental. Esta subescala engloba também a importância dada à rede de suporte familiar ou à consciência da experiência enquanto filho, fator determinante ao nível do exercício da parentalidade. No que se refere à subescala do Suporte/Exigência, esta é constituída por 7 itens explicativos de 10.047 % da variância dos resultados, integra conteúdos como sejam a importância do suporte, a estimulação e encorajamento face a obstáculos e dificuldades no decurso do crescimento/desenvolvimento, a importância do diálogo e da comunicação entre pais-filhos, o interesse pelo percurso de aprendizagens dos filhos, a compreensão das dificuldades ou a demonstração de preocupação pelos problemas dos seus filhos. A subescala da Proximidade/Responsividade é composta por 4 itens que explicam cerca de 6.723 % da variância dos resultados, inserem-se temáticas como a importância na demonstração de afecto e carinho pelos e com os filhos, a importância na assunção da segurança dos filhos, a proximidade e acompanhamento do crescimento e desenvolvimento dos filhos ou ainda a compreensão demonstrada pelas tristezas dos filhos.

### ***Análise Psicométrica do EARP***

A EARP foi concebida para a avaliação das representações parentais relativas à conceptualização e significado de bons pais na construção da parentalidade. A sua estrutura factorial, composta por 22 itens, foi realizada a partir da Análise de Componentes Principais, com rotação Varimax, sendo feita uma determinação prévia dos três factores (*Desafios da Parentalidade; Suporte-Exigência; Proximidade-Responsividade*). Para a inclusão do item no respectivo factor, a sua saturação deve ser igual ou superior a 0.40 e ser entendido como o de maior valor comparativamente aos restantes factores. A percentagem de variância das respostas da EARP explicada pelos 3 factores é de 45.618%, sendo que o primeiro fator, desafios da parentalidade (anexo), o de maior dimensão que integra 11 itens, explica 28.847% da variância dos resultados. O segundo fator (anexo), Suporte/Exigência, composto por 7 itens, é explicativo 10.047% da variância dos resultados. O terceiro fator, Proximidade/Responsividade, é composto por 4 itens, responsáveis por 6.723% da variância dos resultados.

Foram realizadas análises de consistência interna e o cálculo das correlações média inter-item para as diferentes subescalas no sentido de averiguar a fiabilidade da Escala de Atitudes e Representações da

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Parentalidade (EARP). Os valores do coeficiente alfa calculados situando-se no intervalo compreendido entre 0.605 (subescala *Proximidade-Responsividade*) e 0.805 (subescala *Desafios da Parentalidade*) são considerados aceitáveis para efeitos de investigação. A EARP constituída por 22 itens, revelou um valor de *alfa* de *Cronbach* de 0.858 e uma correlação média inter-item de 0.249. A análise das correlações inter-item feita às diferentes subescalas, revelaram um coeficiente mais baixo na subescala *Desafios da Parentalidade*, constituída por 11 itens, indicando uma maior heterogeneidade de conteúdo na já mencionada dimensão.

**Tabela 2. Consistência Interna das subescalas da EARP-*Alfa* de *Cronbach* e correlação média inter-item**

	<i>α</i> de <i>Cronbach</i>	Correlação média inter-item
Desafios da Parentalidade	0.805	0.278
Suporte/Exigência	0.778	0.361
Proximidade /Responsividade	0.605	0.415

As correlações realizadas entre cada uma das subescalas, revelaram associações positivas e significativas entre as subescalas *desafios da Parentalidade* e *Suporte/exigência*, *Desafios da Parentalidade* e *Proximidade/Responsividade* e ainda entre as subescalas *Suporte/Exigência* e *Proximidade/Responsividade*. Na tabela 2 observam-se estas correlações assim como a presença de uma maior magnitude entre a subescala *Suporte/Exigência* e a subescala *Proximidade/ Responsividade*.

**Tabela 3. Correlações entre subescalas da EARP**

	Desafios da Parentalidade	Suporte-Exigência	Proximidade-Responsividade
Desafios da Parentalidade		0.519****	0.455****
Suporte/Exigência	0.519****		0.576****
Proximidade /Responsividade	0.455****	0.576****	

\*\*\*\*p<.001

No sentido de averiguar as médias e desvios padrões das pontuações para as 3 subescalas foram realizadas estatísticas

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais



descritivas que se encontram dispostas na tabela 3. Verifica-se que no sentido geral, é dada uma maior importância ao suporte/exigência e proximidade/responsividade, comparativamente aos desafios inerentes à mesma.

**Tabela 4. Pontuações médias e desvios-padrões das diferentes subescalas de EARP**

	Média (M)	Desvio-Padrão (DP)
Desafios da Parentalidade (11 itens)	4.4821	0.41058
Suporte/Exigência (7 itens)	4.8615	0.23653
Proximidade/ Responsividade (4 itens)	4.8179	0.30173

## 4. Procedimentos da investigação

### 4.1 Recolha da amostra/dados

A recolha da amostra efectuou-se entre Abril e Junho de 2012. A população homossexual foi recrutada através de várias associações gay existentes em Portugal continental e ilhas, enquanto que a amostra heterossexual foi recrutada na população geral. Trata-se de uma amostra por conveniência (Pais-Ribeiro, 1999), composta por sujeitos voluntários, cujos critérios de inclusão foram ser pais homo ou heterossexuais de crianças ou jovens. Para a recolha da população homossexual procedeu-se a um pedido de colaboração às associações LGB no sentido de divulgação do presente estudo via online. Reunidas as condições pretendidas, os questionários a serem respondidos foram colocados *online* através da ferramenta *Docs* da website *Google* de forma a poderem ser preenchidos por ambas as populações constituintes da amostra. Após o preenchimento dos questionários, as respectivas repostas eram enviadas para uma base de dados que garantia o anonimato dos sujeitos questionados. No final do preenchimento dos questionários, os sujeitos foram convidados a colocar o seu email de forma a serem inteirados dos resultados da investigação.

#### 4.2.1 Procedimentos estatísticos

Os procedimentos estatísticos utilizados tiveram em conta a amostra que contempla duas populações com igual número de sujeitos. Inicialmente foram efectuadas estatísticas descritivas para as variáveis sociodemográficas bem como para cada item que compõem

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

a EARP de forma a resumir e a descrever globalmente os dados através de tabelas de frequências e de histogramas. Posteriormente procedeu-se à estatística inferencial onde foram efectuados vários testes com o intuito de relacionar as diferentes variáveis em estudo. Primeiramente foi efectuado o teste de correlação de *Pearson* de forma a verificar a existência de associações entre as diferentes variáveis em estudo. A correlação de *Pearson* é uma prova paramétrica que pode ser utilizada quando a relação entre as variáveis é basicamente linear, quando as variáveis em estudo têm uma distribuição tendencialmente normal, e as duas variáveis são medidas numa escala contínua.

Foi utilizado o Teste à Homogeneidade das Variâncias para se perceber se as variâncias das amostras são homogéneas de forma ser realizada uma ANOVA. A homocedasticidade ou homogeneidade das variâncias significa que tendo dois grupos a comparar a sua variância não difere estatisticamente,  $\sigma_1^2 = \sigma_2^2 = \sigma^2$  e é um dos pressupostos das estatísticas paramétricas.

Após ter sido efectuado o teste à homogeneidade das variâncias pôde ser realizada uma one-way-ANOVA que visa comparar as médias entre grupos que seguem uma distribuição normal de variâncias. Por fim, foi utilizado o teste *T* para detetar diferenças entre as populações do estudo e as variáveis medidas. Este teste pretende comparar as médias de uma variável quantitativa entre dois grupos independentes.

#### IV Apresentação dos Resultados

Nesta sessão serão apresentados os dados relativos ao presente estudo de acordo com os objectivos anteriormente mencionados. Num primeiro momento será feita uma análise descritiva das subescalas (Desafios da Parentalidade, Suporte/Exigência e Proximidade/Responsividade) presentes na Escala de Atitudes e Representações da Parentalidade (EARP). Posteriormente procedeu-se à análise inferencial dos dados.

##### 1. Estatística Descritiva

###### 1.1 *Desafios da Parentalidade*

No que respeita aos desafios inerentes à parentalidade pode-se analisar a tabela 5. Ao analisar-se o primeiro item referente à importância diálogo e comunicação com os seu(s) filho(s), a maioria dos pais concorda ( 90.3%) com a sua relevância na parentalidade, havendo apenas 6.5% dos pais que concorda moderadamente.

Em relação à compreensão das dificuldades dos filho(s) como um factor importante no exercício da parentalidade, a maioria dos pais concordam ( 87.1%), sendo que 9.7% dos inquiridos dizem apenas concordar moderadamente

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

No que concerne ao acompanhamento dos filho(s) no seu crescimento e desenvolvimento, 83.9% dos inquiridos concordam ser uma tarefa atribuída à parentalidade, apenas 12.9% concorda moderadamente com esta afirmação.

No item que avalia a importância para os pais de se sentirem importantes para os seu(s) filho(s), a maioria concorda ( 87.1%) e concorda moderadamente ( 9.7%)

Relativamente à importância dada ao diálogo, a maioria dos pais concorda ( 87.1%) ou concorda moderadamente ( 9.7%) que é importante o estabelecimento frequente do diálogo entre os pais e os filho(s).

No que respeita ao item que afirma os pais devem estimular o(s) seu(s) filho(s) a ultrapassar as dificuldades, 93.5% concordam e 3.2% concordam moderadamente.

Ao analisar a percepção que os pais tem sobre o interesse pelas aprendizagens escolares dos filho(s) como um factor inerente ao bom exercício da parentalidade, a maioria concorda (93.5%) e concorda moderadamente (3.2%)

A questão relativa ao facto de os bons pais deverem mostrar-se compreensivos perante as tristezas dos filho(s), verificou-se que a maioria dos pais concorda (74.2%) e concorda moderadamente (19.4%) com a afirmação, apenas 3.2% dos pais diz “nem concordo nem discordo”.

No que concerne à afirmação de que a segurança dos filho(s) deverá ser tida em conta no exercício da parentalidade, 93.5% dos inquiridos concorda e 3.2% concorda moderadamente.

Relativamente à importância dos pais demonstrarem carinho e afeição para com os seu(s) filho(s), 83,9% dos pais concordam e 12.9 % concordam moderadamente com esta afirmação.

Na questão “um bom pai sacrifica-se pelo(s) seu(s) filho(s)”, a maioria dos pais diz “concordo” (58.1%) e 25.8% concorda moderadamente que esta é importante no exercício da parentalidade. No entanto, 6.5% dos inquiridos diz “nem concordo nem discordo” e 3.2% discorda moderadamente ou discorda (3.2%).

**Tabela 5. Subescala desafios da parentalidade**

	n	%
<b>Um bom pai mantém o diálogo e a comunicação com o(s) filho(s)</b>		
Concordo moderadamente	2	6.5
Concordo	28	90.3
<b>Um bom pai procura compreender as suas dificuldades</b>		
Concordo moderadamente	3	9.7
Concordo	27	87.1

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

---

**Um bom pai acompanha de perto o crescimento e desenvolvimento do (s) filho (s)**

Concordo moderadamente	4	12.9
Concordo	26	83.9

**É importante para os pais sentirem-se como alguém importante para o(s) seu(s) filho(s)**

Concordo moderadamente	3	9.7
concordo	27	87.1

**É importante que os pais dialoguem frequentemente com o(s) seu(s) filho(s)**

Concordo moderadamente	3	9.7
concordo	27	87.1

**Os pais devem estimular o(s) seu(s) filho(s) a ultrapassar as dificuldades**

Concordo moderadamente	1	3.2
concordo	29	93.5

**Um bom pai deve interessar-se pelas aprendizagens escolares do(s) seu(s) filho(s)**

Concordo moderadamente	1	3.2
Concordo	29	93.5

**Os bons pais devem mostrar-se compreensivos perante as tristezas do(s) seu(s) filho(s)**

Nem concordo nem discordo	1	3.2
Concordo moderadamente	6	19.4
Concordo	23	74.2

**No exercício da parentalidade a segurança do(s) seu(s) filho(s) deverá ser tida sempre em conta.**

Concordo moderadamente	1	3.2
Concordo	29	93.5

**É importante que os pais demonstrem carinho e afeição para com o(s) seu(s) filho(s)**

Concordo moderadamente	4	12.9
Concordo	26	83.9

**Um bom pai sacrifica-se pelo(s) seu(s) filho(s)**

Discordo	1	3.2
Discordo moderadamente	1	3.2
Nem concordo nem discordo	2	6.5
Concordo moderadamente	8	25.8
Concordo	18	58.1

---

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

### **Síntese da análise descritiva da subescala desafios da Parentalidade:**

Em contexto geral, pode observar-se que a maioria dos pais concorda que no exercício de uma boa parentalidade vários aspectos deverão ser tomados em consideração. Contam-se a importância do diálogo e a comunicação com os filho(s), a compreensão das dificuldades destes, o acompanhamento no crescimento e nas aprendizagens escolares, a segurança dos filho(s) e a compreensão das tristezas destes. Os pais revelaram que a parentalidade comporta o apoio e o estímulo a dar aos filho(s) no sentido destes ultrapassarem as duas dificuldades e comporta também o sacrifício por estes. Verificou-se ainda que para a maioria dos pais referiu que é bom sentirem-se como alguém importante para os seu(s) filho(s).

#### **1.2 Suporte/Exigência**

No que concerne à subescala Suporte/Exigência constituída por 7 itens, que se inclui na Escala de Atitudes Representações da Parentalidade, pode ser analisada a tabela 6.

Ao analisar-se o primeiro item desta subescala “os pais devem respeitar as opiniões do(s) seu(s) Filho(s), verificou-se que 54.8% dos inquiridos concordam com a afirmação, 32.3% diz concordar moderadamente e 9.7% relata “nem concordo nem discordo”.

Relativamente à importância da honestidade dos pais para com os seu(s) filho(s), a maioria parece concordar (77.4%) e 19.4% concorda moderadamente com a sua relevância do bom exercício da parentalidade.

Quando questionados sobre se demonstrar preocupação pelos problemas do(s) seu(s) filho(s) é uma tarefa importante no exercício da parentalidade, 74.2% refere que concorda e 19.4% dos inquiridos revela concordar moderadamente.

No item 4, a maioria dos inquiridos (74.2%) concorda que os bons pais devem estabelecer uma relação de conhecimento mútuo com os seu(s) filho(s), 22.6% afirmou concordar moderadamente.

Encorajar frequentemente o(s) filho(s) é uma prática que segundo os pais inquiridos faz parte do bom exercício da parentalidade pois 80.6% dos inquiridos relataram concordar e 16.1% concordar moderadamente.

À questão “os bons pais passam muito do seu tempo livre com o(s) seu(s) filho(s)”, 3.3% dos inquiridos afirmaram discordar moderadamente, 6.5% nem concorda nem discorda, 35.5% parece concordar moderadamente, contudo, a maioria (51.6%) relatou concordar.

Ao analisar o item 7, pode verificar-se que 54.8% dos pais inquiridos concordam que os bons pais estabelecem uma relação de “Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

cumplicidade com o(s) seu(s) Filho(s), já 41.9% dos pais inquiridos parecem concordar moderadamente.

**Tabela 6. subescala Suporte/exigência**

	n	%
<b>Os pais devem respeitar as opiniões do(s) seu(s) filho(s)</b>		
Nem concordo nem discordo	3	9.7
Concordo moderadamente	10	32.3
Concordo	17	54.8
<b>No exercício da parentalidade é importante os pais serem honestos com o(s) seu(s) filho(s)</b>		
Concordo moderadamente	6	19.4
Concordo	24	77.4
<b>Os pais devem demonstrar preocupação pelos problemas do(s) seu(s) filho(s)</b>		
Concordo moderadamente	7	22.6
Concordo	23	74.2
<b>Os bons pais estabelecem uma relação de conhecimento mútuo entre pais e filho(s)</b>		
Concordo moderadamente	7	22.6
Concordo	23	74.2
<b>Os pais deverão encorajar frequentemente o(s) seu(s) filho(s)</b>		
Concordo moderadamente	5	16.1
Concordo	25	80.6
<b>Os bons pais passam muito do seu tempo livre com o(s) seu(s) filho(s)</b>		
Discordo moderadamente	1	3.3
Nem concordo nem discordo	2	6.5
Concordo moderadamente	11	35.5
Concordo	16	51.6
<b>Os bons pais estabelecem uma relação de cumplicidade com o(s) seu(s) filho(s)</b>		
Concordo moderadamente	13	41.9
Concordo	17	54.8

### **Síntese da análise descritiva da subescala Suporte/Exigência:**

Sintetizando os resultados obtidos nesta subescala, pode-se constatar que em termos gerais os pais questionados concordam que o suporte/exigência enquanto tarefa da parentalidade inclui o respeito pela opinião do(s) filho(s), a honestidade, a preocupação pelos

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

problemas do(s) filho(s), o conhecimento mutuo, o encorajamento. Verificou-se também que na opinião da maioria dos inquiridos, os bons pais passam o seu tempo livre com o(s) filho(s) e são ainda capazes de estabelecer uma relação de cumplicidade com eles.

### 1.3 Proximidade/ Responsividade

No que respeita à subescala proximidade/responsividade, no qual se sub escrevem 4 itens, os resultados podem ser analisados de acordo com a tabela 7.

Ao analisarmos o primeiro item da subescala, 51.6% dos inquiridos afirmou que os bons pais partilham muitos interesses com o(s) seu(s) filho(s) e 29% concorda moderadamente. Já 12.9% dos pais afirmou “nem concordo nem discordo” e apenas 3.2% parecem discordar.

Relativamente ao facto de as características dos pais influenciarem as representações e o exercício da parentalidade, 45,2% dos inquiridos parecem concordar com este facto e 35.5% concorda moderadamente. “nem concordo nem discordo” foi a resposta dada por 12.9% dos inquiridos e apenas 3.2% respondeu “discordo moderadamente”.

De acordo com os resultados obtidos no item 3, 48.4% dos pais questionados parecem concordar moderadamente com o facto de a sua experiência enquanto filho ser determinante na construção e no exercício da parentalidade.

No que concerne à questão “A rede de suporte familiar é muito importante no exercício da parentalidade”, 67.7% dos indivíduos parecem concordar e 29% concorda moderadamente com a afirmação.

**Tabela 7. Subescala Proximidade/Responsividade**

	n	%
<b>Os bons pais partilham muitos interesses com o(s) seu(s) filho(s)</b>		
Discordo	1	3.2
Nem concordo nem discordo	4	12.9
Concordo moderadamente	9	29.0
Concordo	16	51.6
<b>As características dos pais(s) influenciam as representações e o exercício da parentalidade</b>		
Discordo moderadamente	1	3.2
Nem concordo nem discordo	4	12.9
Concordo moderadamente	11	35.5
Concordo	14	45.2

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

<b>A experiência como filho é determinante na construção e no exercício da parentalidade</b>		
Nem concordo nem discordo	1	3.2
Concordo Moderadamente	15	48.4
Concordo	14	45.2
<b>A rede de suporte familiar é muito importante no exercício da parentalidade</b>		
Concordo moderadamente	9	29.0
Concordo	21	67.7

### **Síntese da análise descritiva da subescala Proximidade/responsividade:**

Na subescala Proximidade/Responsividade, a grande maioria dos indivíduos demonstrou que as representações que tem acerca da parentalidade englobam a partilha de interesses com o(s) filho(s). De acordo com os resultados verificou-se que o exercício da parentalidade é influenciado pelas características dos pais, todavia a sua experiência enquanto filho parece também influenciar a forma como os inquiridos encaram a parentalidade. Constatou-se ainda que a grande maioria dos pais inquiridos atribuí uma grande importância ao suporte familiar no exercício da parentalidade.

## **2. Estatística Inferencial**

Posteriormente à análise descritiva dos dados, surgiu a necessidade de utilizar o processo da estatística inferencial de forma a poder inferir parâmetros da população a partir das estatísticas obtidas na amostra. Os níveis de significância utilizados foram 0.01 e 0.05. É feita uma comparação entre as médias das duas populações (homo e heterossexual) nas subescalas avaliadas.

### **2.1 As Características sociodemográficas influenciam as representações parentais de parentalidade**

Com o intuito de verificar uma possível correlação entre as características socio-demográficas e as representações parentais realizou-se um teste de correlação de *Pearson*. Em seguida, apresenta-se a relação obtida entre as características sociodemográficas dos participantes e as representações parentais da parentalidade (cf. tabela 8) nas 3 subescalas que compõem a EARP. Tendo em conta os resultados pode-se observar que não há correlação entre a subescala desafios da parentalidade e as características socio-demográficas. Quanto à subescala *suporte/exigência* tem uma correlação fraca negativa com a variável sexo ( $r = -, 395$ ). Relativamente à associação entre a subescala *suporte/exigência* e o estado civil ( $r = -, 402$ ) esta é moderada negativa. Finalmente a subescala *proximidade/responsividade* correlaciona-se positivamente ( $r =, 369$ )

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais



com a variável duração do relacionamento. No entanto esta correlação é fraca ( $p= 0,022$ ).

tabela 8. Correlação de Pearson entre Subescalas e variáveis sociodemográficas

	Subescala Desafios da Parentalidade	Suporte/Exigência	Proximidade/Responsividade
idade	-,021	,202	,072
Sexo	-,015	-,395 <sup>*</sup>	-,071
Área residência	,056	,074	-,181
Orientação sexual	,086	-,036	,137
Escolaridade	-,019	,091	-,058
Religião	-,034	-,245	,186
Estado Civil	-,126	-,402 <sup>*</sup>	-,104
Duração do Relacionamento	-,063	-,145	,369 <sup>*</sup>
Número de filhos	,146	,271	,150
Filhos coabitam	,166	-,185	-,164
Filiação	,175	-,098	-,150

<sup>\*</sup>  $p < .05$

De acordo com os resultados obtidos, de uma forma geral, as características sociodemográficas dos pais inquiridos não revelam influência sobre as representações parentais da parentalidade. As associações estatisticamente significativas revelaram-se em relação à subescala suporte/exigência no estado civil dos sujeitos e na variável sexo. Observou-se também associação entre a subescala proximidade/responsividade e a duração do relacionamento, indicando que quanto maior é a duração do relacionamento maior é a pontuação obtida da subescala.

## 2.2 Influência da orientação sexual nas representações parentais de parentalidade

Para perceber se a variável *orientação sexual* dos pais influencia as representações parentais de parentalidade, foi efetuado o teste de correlação de *Pearson* (cf. tabela 9). Tendo em conta os resultados verifica-se que não há associação entre a orientação sexual dos pais e as representações parentais ( $p > 0,05$ ). Estes resultados sugerem que não há uma relação estatisticamente significativa entre a orientação sexual dos pais e as suas representações parentais da parentalidade.

Tabela 9. Correlação de Pearson entre subescalas e Orientação sexual

	Subescala Desafios da Parentalidade	Suporte/Exigência	Proximidade/Responsividade
--	---	-------------------	----------------------------

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Orientação sexual	,086	-,036	,137
-------------------	------	-------	------

\* p<.05; \*\* p<.01.

### 2.3 Diferenças entre Orientação sexual nas representações parentais da parentalidade

De seguida, será indagado se existem diferenças estatisticamente significativas em termos de populações (homo e heterossexual) no que diz respeito às representações parentais da parentalidade tendo em consideração as 3 subescalas ( *desafios da parentalidade*, *suporte/exigência*, *proximidade/responsividade*) da EARP (cf. anexo 10). De acordo com os resultados obtidos não há diferença entre as médias das amostras, ou seja, não há diferenças estatisticamente significativas ( $p>0.05$ ) relativamente às 3 subescalas: desafio da parentalidade ( $F=,162$ ;  $p=,852$ ) suporte/exigência ( $F=,896$ ;  $p=,420$ ) e proximidade/responsividade ( $F=,578$ ;  $p=,568$ ) entre os pais heterossexuais e homossexuais. Isto quer dizer que as diferenças entre os grupos das duas orientações sexuais em análise, relativamente à percepção da parentalidade não são consideradas estatisticamente significativas.

### 2.4 Diferenças entre Orientação sexual na subescala *desafios da parentalidade* da EARP

Para verificar a existência de diferenças entre as 2 populações (homo e heterossexual) relativamente aos *desafios da parentalidade* foi efetuado um *Teste T* e um teste de *levène*. Na subescala *desafios da parentalidade* ( cf.anexo11), verificou-se diferenças estatisticamente significativas entre as médias das populações (homo e heterossexual) no item “É importante que os pais demonstrem carinho e afeição para com o(s) seu(s) filho(s)” ( $t= 2,256$   $p= ,041$ ;  $F= 43,359$ ,  $p=,000$  ). Conclui-se, portanto, que as populações estão em desacordo relativamente à importância da demonstração de carinho para com os seus filhos. Neste sentido, as duas populações diferem na representação deste desafio da parentalidade.

### 2.5 Diferenças entre Orientação sexual na subescala *suporte/exigência* da EARP

Do mesmo modo, foi realizado um *Teste T* e um teste de *Levène* para verificar se haveria diferenças entre as duas populações relativamente às questões do suporte/exigência (cf.anexo 12). Os resultados mostraram que as médias das populações diferem quanto à questão “Os pais devem respeitar as opiniões do(s) seu(s) filho(s)” ( $t= 4,111$ ,  $p=,000$ ;  $F= 5,911$ ,  $p= ,022$  ) e quanto à questão “os bons pais estabelecem uma relação de conhecimento mútuo entre pais e filho(s)” ( $t=,1,098$ ,  $p= ,282$ ;  $F=,5,194$   $p=,031$ ). No entanto, de uma modo geral, verificou-se a não existência diferenças relativamente às das duas populações na subescala *suporte/exigência*, pelo que há concordância a nível das representações parentais entre as duas populações no que diz respeito às tarefas parentais no exercício da parentalidade.

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

## 2.6 Diferenças entre Orientação sexual na subescala *Proximidade/responsividade* da EARP

Com o intuito de perceber se as duas populações diferem nas questões relativas à subescala *proximidade/responsividade* foi efetuado um *Teste T* (cf. anexo 13 ). Tomando em consideração os resultados obtidos conclui-se que não existem diferenças estatisticamente significativas nas representações relativas à proximidade/responsividade nas duas populações (homo e heteressexual).

## V Discussão de Resultados

Os resultados do presente estudo serão agora analisados de acordo com a revisão da literatura efectuada e de acordo com os objetivos orientadores da investigação. Reflectir-se-á, sobre os resultados obtidos com a amostra recolhida.

Este estudo teve como objetivo perceber a opinião dos pais hétero e homossexuais no que diz respeito à significação de “bons pais”. Por outro lado, tentou perceber-se em que medida é que as populações homo e heterossexuais divergem ou convergem entre si no que concerne às representações da parentalidade. Atentando os resultados obtidos verificou-se que de uma forma geral a população homossexual não difere da população heterossexual no que diz respeito às representações e significações parentais de “bons pais”. Outro objectivo, passou por perceber se a orientação sexual - pressupõe a criação de vínculos eróticos e atracção sexual das pelas pessoas do sexo oposto, do mesmo sexo ou ambos os sexo (Costa, Lopes, Souza, Patel, 2007; Golombok & Golombok, 1997; Grinberge & Grinberg, 1976) - influência as representações parentais. De acordo com os resultados obtidos nas três sub-esclas (*desafios da parentalidade, suporte/exigência e Proximidade/responsividade*) que compõem a *Escala de Atitudes e Representações Parentais* (EARP) pode constatar-se que a orientação sexual dos pais não influencia as representações e significações parentais. Deste modo, os vínculos eróticos e a atracção sexual dos pais não exercem influência sobre as representações parentais das tarefas inerentes ao exercício da parentalidade. Estes dados sugerem que a identidade sexual dos pais se encontra bem firme e consolidada, o que reflete muito provavelmente o apoio familiar e social. Neste sentido, pode afirmar-se que os vínculos eróticos e atracção sexual dos pais parece não condicionar a forma como estes têm em consideração a parentalidade, logo não parecem interferir com o desenvolvimento dos filhos. Estes resultados parecem comprovar o estudo de Goldberg e Smith (2009) que já haviam demonstrado que a orientação sexual dos pais não influencia as competências parentais percebidas. Assim sendo, será que os homossexuais são habilitados para a parentalidade? De acordo

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

com os resultados obtidos neste estudo, os pais homossexuais atribuem a mesma importância às tarefas inerentes à parentalidade que os heterossexuais. Portanto, será que podemos inferir que os pais gays são tão “bons pais” como os heterossexuais? Neste sentido, os resultados parecem vir de encontro à afirmação de que a orientação sexual não prediz o desejo de se ser um bom pai ou não (Mallon, 1993, Zambrano, 2006). Por fim, tentou-se perceber se as variáveis sociodemográficas presentes neste estudo influenciaram as representações que os pais possuem da parentalidade. Verificou-se que o estado civil e o sexo dos sujeitos influenciaram a subescala suporte/exigência. Isto pode indicar que os pais e as mães apresentam diferentes ideias no que toca ao exercício da parentalidade, resultantes do seu processo de socialização mas também da experiência enquanto pais que é diferente. Por outro lado, a duração do relacionamento parece ter influenciado a escala proximidade/responsividade. Contudo, variáveis como a religião ( a maioria eram crentes não praticantes ou não crentes) e a escolaridade ( a maioria relatou ter licenciatura/bacharelato ou 12º ano de escolaridade) parecem não interferir nas representações que os pais têm sobre as tarefas essenciais ao exercício da parentalidade. Estes resultados conferem que a religiosidade dos pais não interferiu na sua orientação sexual (homossexual, neste caso) que por sua vez não condicionou a forma como representam a parentalidade. Neste sentido, Mais. Por outro lado, o facto de a escolaridade não influenciar as representações parentais pode indicar que a vida profissional dos sujeitos inquiridos não tem implicações.

### ***Desafios da parentalidade***

Na subescala desafios da parentalidade, os resultados permitem inferir que a maioria dos pais homo e heterossexuais (90.3%) concordam que no exercício de uma boa parentalidade deverá ser tomado em consideração o diálogo e a comunicação com o(s) filho(s). Isto leva-nos a considerar a importância que os pais têm para o desenvolvimento da linguagem dos seus filhos e como isso pode afetar não só a sua educação mas também a forma como as crianças expressam o que sentem. Por outro lado, o diálogo e a comunicação entre pais e filhos promovem a interação entre estes bem como o contato humano. É a partir deste contato que a socialização e a formação de vínculos promovem o desenvolvimento humano (Abreu, Álvares & Campos, 2007). Assim, a família constitui a base da socialização, é a partir desta que a criança se pode tornar socialmente competente e bem integrada em casa e na escola. Ao tornar-se socialmente competente, a criança aceita progressivamente responsabilidades na execução de tarefas e no relacionamento com o outro. É ainda com base no diálogo e socialização da criança que os valores e crenças são transmitidos. Por isso, com o surgimento de novas configurações familiares, como a homoparentalidade, aparece temor por parte das sociedades no sentido de que a família perca a

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

capacidade de transmitir esses mesmos valores (Zambrano, 2008), uma vez que esta exerce uma forte influência sobre o comportamento dos indivíduos que a compõem. Contudo, de acordo com os resultados da presente investigação, as populações não diferiram nas representações da parentalidade, logo será que se pode inferir que este temor não se justifica?

A investigação confere ainda que a maioria da amostra parece concordar que a parentalidade passa pela compreensão das dificuldades dos filhos, pelo acompanhamento no crescimento e nas aprendizagens escolares e pela segurança dos filhos. Os pais (93.5%) revelaram ainda que o apoio e o estímulo a dar aos filhos no sentido destes ultrapassarem as suas dificuldades é também uma tarefa inerente à parentalidade. O apoio e a estimulação dos pais contribuem, portanto, para a crescente autonomia dos filhos na resolução de tarefas e conflitos inerentes ao próprio desenvolvimento. Este sentimento de autonomia formado na família promove a independência baseada no processo de diferenciação, que permite a consciência de si como alguém diferente e separado do outro (Macedo, 1994). É neste sentido, que podemos enquadrar a importância do papel do pai enquanto “terceiro”, que é essencial para a separação psíquica entre mãe e filho (Zambrano, 2006). Nos casais gays ou lésbicos a função psíquica exercida pelo “outro” pode ser cumprida pelo parceiro/a do pai ou mãe. Este corte é essencial para a construção de um sujeito com uma estrutura separada da mãe (Lacan, 1966, Etchegoyen & Trowell, 2002). É portanto, com base nesta operação psíquica que a criança conseguirá estabelecer laços com a família (Vieira, 2011).

Verificou-se que a maioria (74. 2%) dos pais referiu que é importante demonstrarem compreensão pelas tristezas dos filhos. Embora 19.4% dos pais refira que apenas concorda moderadamente com este facto. Estes dados são consonantes com o facto de os pais deverem amparar na dor dos filhos e estimular as suas transformações (Sá, 2009). Até porque, a parentalidade engloba o reconhecimento dos estados afectivos e emocionais da criança bem como a sua interpretação adequada para que se possa responder de modo ajustado às suas necessidades. De acordo com Bion a mãe é fundamental neste processo pois é um ser capaz de perceber o que se passa com o seu filho através da intuição (*rêverie*) (Zimerman, 2004). Por outro lado, o reconhecimento e a resposta dos pais face aos estados emocionais da criança podem envolver crenças e competências parentais podendo passar pelos conhecimentos que os pais têm sobre questões relacionadas com o desenvolvimento da criança ou adolescente, o envolvimento e familiaridade com o filho. Por outro lado, o estado emocional dos filhos envolve questões clínicas como depressão ou problemas de comportamento, manifestando-se um impacto significativo das práticas parentais nestas situações.

Os resultados mostraram também que é importante o feedback filial para o seu sentido de auto-estima e confiança enquanto pais (auto-eficácia parental). Isto mostra a necessidade que os pais têm de

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

se sentirem reconhecidos pelos filhos no que toca a forma como se empenham na parentalidade. Por último, verificou-se que os pais homossexuais e os pais heterossexuais apenas diferem nesta subescala ( $t= 2,256$   $p=,041$ ) na importância que atribuem à demonstração de carinho para com os seus filhos. Esta diferença entre populações pode dever-se à educação a que foram sujeitos a quando crianças. Podem também refletir a questão da formação dos vínculos afetivos que mudam e progridem de acordo com as modificações do desenvolvimento dos filhos ( Kreppner, 2000, como citado em Dessen & Polonia, 2007). Por outro lado, pode indicar a necessidade de mostrar aos pais a importância do colo, dos afetos para o desenvolvimento do psiquismo das crianças. Tal como Winnicott (2005) sugeriu, é na relação com a mãe e na forma como esta imprime os afectos que a criança adquire a sensação de que o mundo é bom, e de que, por extensão, as relações com os outros também podem ser boas. Neste sentido, os laços afetivos formados entre pais e filhos, podem condicionar o desenvolvimento saudável e os padrões de interação que possibilitam o ajustamento dos indivíduos a diferentes ambientes, proporcionando relações saudáveis ou provocando problemas, alterando a saúde mental e física dos indivíduos (Macedo, 1994). Pode então afirmar-se que o importante para a criança é crescer a partir de uma relação com os seus pais e não a partir de um vínculo matrimonial (Flavigny, 2006).

### *Suporte/exigência*

A maioria dos inquiridos relatou que no que concerne ao suporte/exigência enquanto tarefa da parentalidade, esta inclui, a honestidade, a preocupação pelos problemas dos filhos e o encorajamento. Assim, as funções parentais devem proporcionar o suporte do filho na sua trajectória de amadurecimento, assegurar a prevenção das adversidades que possam fazer sofrer a criança e promover situações positivas que ajudem a criança ao longo da sua vida (Passos, 2007). Estas funções, contudo, não exigem a presença de uma diferenciação sexual pois estas constituem-se, essencialmente, em perspectiva simbólica. Portanto, a diferenciação sexual de um casal não é elemento primordial no desempenho das funções materna e paterna. Mais do que a sexualidade, o que diferencia as posições parentais num casal são os enunciados simbólicos que cada membro do casal desempenha perante o filho. Esta visão traz consigo um novo olhar e entendimento sobre as novas configurações de família, nomeadamente sobre a família homoparental alertando deste modo para a necessidade de flexibilização dos papéis parentais (Paiva & Rodriguez, 2009).

Ao analisar-se os resultados do estudo, verifica-se que cerca de 54.8% dos inquiridos relatam que um bom pai deve respeitar as opiniões dos seus Filhos. Contudo, 32.3% dos pais diz concordar moderadamente com este facto e 9.7% parece nem concordar nem discordar. Estes resultados podem depender da fase de

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

desenvolvimento em que o filho se encontra. Neste contexto, as funções parentais têm sentidos e perspectivas diferentes consoante o momento de vida da criança (Passos, 2007), sem nunca descuidar o seu bem-estar psicológico (Sá, 2009). Por outro lado, ouvir as opiniões dos filhos não implica uma negligência na imposição de limites. Por exemplo, uma ida à escola é algo “inegociável”. Já os hábitos à mesa ou o tempo de brincar podem ser flexíveis. Neste sentido, muitas vezes a imposição de limites levam a expectativas hesitantes por parte dos pais em termos do que deve ou não ser negociado. Ainda relativamente ao respeito pelas opiniões dos filhos ser determinante na parentalidade, observou-se que as duas populações em estudo discordam quanto a este facto. Estes resultados não estão consonantes com o facto de que para se ser “bons pais” é necessário o diálogo e comunicação com os seus filhos. Neste sentido, leva-nos a questionar, não será importante a opinião dos filhos para que se estabeleça uma relação de diálogo com os seus filhos?

De acordo com os resultados, a maioria dos inquiridos confere que os bons pais (51.6%) passam o seu tempo livre com os filhos. Estes dados, sugerem a necessidade dos pais em estar com os filhos no sentido de possibilitar não só a comunicação como também proporcionar o desenvolvimento das relações e do conhecimento mútuo. Até porque, é a família o primeiro ambiente onde se desenvolve a personalidade do indivíduo (Macedo, 1994) e é através dela que estes se munem de ferramentas para enfrentar as crises que podem abalar a identidade (Abreu, Álvares & Campos, 2007). Assim sendo, os resultados mostram que a maioria dos pais inquiridos (74.2%) acredita ser essencial para o exercício da parentalidade o conhecimento mútuo com os seus filhos. Até porque tanto a parentalidade como a filiação são sustentadas no relacionamento entre pais e filhos e no desenvolvimento emocional e psíquico dos pais e dos filhos (Paiva & Rodriguez, 2009). Já Winnicott (2005) disse que o desenvolvimento psíquico saudável da criança depende, sobretudo, da qualidade do vínculo que esta estabelece com os seus cuidadores. Também neste sentido, se pode afirmar que experiências positivas entre pais e filhos parecem dar origem a um desenvolvimento estável da personalidade da criança e, desta forma, proporcionar um funcionamento familiar positivo, em particular nas relações conjugais e nas interações pais-filhos. Através deste processo, o desenvolvimento familiar é promovido e a própria criança tem espaço para construir a sua identidade (sexual) sem estigmas ou preconceitos. Daí a importância da qualidade das relações intrafamiliares, que ao permitirem o diálogo franco e aberto entre os seus elementos e que promovem a não repressão sexual (Santos, 2004).

Contudo, tomando em consideração as duas populações do estudo parecem existir diferenças significativas em relação ao facto de o conhecimento mútuo ser importante para o exercício da parentalidade. Mais uma vez coloca-se a questão do que poderá justificar tal diferença entre populações. Poderá ser justificada pelas

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

experiências que estes pais tiveram enquanto filhos? Ou ser justificada pelas características pessoais dos pais? Ou ainda pelas características dos filhos? Os resultados mostraram ainda que a maioria (54.8%) dos pais inquiridos refere que um “bom pai” necessita de estabelecer uma relação de cumplicidade com os seus Filhos. Neste contexto, a cumplicidade torna-se essencial para o desenvolvimento de uma relação de confiança e de promoção da transparência e autenticidade (Sá, 2009). É através de uma relação de confiança que se criam condições para novas experiências e descobertas.

### ***Proximidade/responsividade***

Para a subescala *Proximidade/Responsividade*, a maioria dos indivíduos (51.6%) demonstrou que as representações que tem acerca da parentalidade englobam a partilha de interesses com os filhos. A maioria dos inquiridos (45,2%) demonstrou ainda que as suas características podem influenciar o bom exercício da parentalidade. Isto confirma a afirmação de Santos (2004) quando diz que as funções parentais não podem nem ser relacionadas directamente com o género do cuidador mas antes com a personalidade do indivíduo. Contudo, sendo a sexualidade dos indivíduos um dos elementos constituintes da personalidade será que a sexualidade dos pais interfere no desenvolvimento da criança? A verdade é que a sexualidade inclui aspectos amorosos, eróticos, afetivos, entre outros aspectos que se relacionam com os valores culturais, com a história de vida e com a família que constitui o meio sobre o qual a criança desenvolve a sua identidade sexual e a sua orientação afectivo-sexual (Costa, Lopes, Souza, Patel, 2007). Neste sentido, será que a parentalidade homossexual contribui para a homossexualidade das crianças? Hemo (2000) refere que o mais importante para o desenvolvimento da criança envolve uma rica variedade de membros da família, redes de suporte e disponibilidade de recursos da vizinhança e comunidade. Assim, estes diferentes meios permitem que a criança tenha acesso a muitos modelos e distintos de feminilidade e de masculinidade que servem de base para a construção da sua identidade sexual (Santos, 2004).

Os dados obtidos permitem ainda inferir que os pais inquiridos acreditam que a sua experiência enquanto filho pode também condicionar a forma de como exercem a parentalidade. Este dado está de acordo com os resultados obtidos por Mowder (2005, como citado em Mowder, Respler-Herman, Shamah & Yasik, 2012) que mostram que a parentalidade pode ser influenciada pelas experiências dos pais enquanto filhos. Neste contexto, se a família começa na infância dos pais (Sá, 2009), e de acordo com estes resultados, então podemos dizer que as experiências dos pais enquanto filhos podem condicionar o desenvolvimento emocional e psíquico não só dos pais mas também posteriormente, dos filhos. Até porque as experiências infantis dos pais interferem na construção de um bebé e na própria infância desse filho (Sá, 2009). Quando a infância dos pais é fantasmática, toda a sua

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais



vida pode ficar condicionada por experiências dolorosas, que se traduzem em relações perturbantes e que condicionam então a parentalidade e a forma como é construído um *bebé imaginário* (Sá, 2009). Por outro lado, quando na construção da função parental predomina a infância na fantasia, pode afirmar-se que estão formadas as condições para a saúde mental da criança. A infância na fantasia leva à reprodução das experiências e relações gratificantes pela vida fora, interferindo na forma como se é pai e na forma como serão depositadas as fantasias, os projectos, as expectativas, não só dos pais mas também dos outros elementos familiares (Abreu, Álvares & Campos, 2007). Uma infância fantasmática traduz-se num conjunto de memórias muito dolorosas que perseguem e condicionam a parentalidade e também a saúde mental das crianças (Sá, 2009).

Os dados retirados deste estudo, mostraram também que a grande maioria dos pais inquiridos (homo e heterossexuais) atribuem uma grande importância ao suporte familiar no exercício da parentalidade. Neste sentido, importa referir que se a população homossexual atribuiu importância à rede de suporte familiar no exercício da parentalidade, quer dizer que quando esta está ausente a forma como é exercida a parentalidade pode ser condicionada. Assim, talvez se torne pertinente afirmar que quando o suporte familiar é inexistente para este tipo de configuração familiar (homoparental), está subjacente o preconceito não só da família mas também da sociedade o que afecta ou dificulta o bom exercício da parentalidade, e neste caso, serão os filhos os maiores lesados. A juntar a este fato, também Paiva e Rodriguez (2009) ao avaliar as percepções parentais sobre a parentalidade de pais homo e heterossexuais demonstraram que as famílias homossexuais diferiam das restantes apenas no que diz respeito ao preconceito que sofriam, à falta de apoio social e à aceitação por parte dos familiares e amigos (Paiva & Rodriguez, 2009). Este estudo de Paiva e Rodriguez (2009) bem como os resultados obtidos nesta investigação, leva-nos a questionar sobre o impacto que as famílias, os valores culturais e sociais têm sobre o exercício da parentalidade e neste sentido sobre o desenvolvimento cognitivo e psíquico da criança. Por outro lado, torna-se pertinente referir que a falta de apoio social na homoparentalidade coloca também em questão a própria estigmatização da criança, não só no meio familiar mas também nos outros meios.

Assim sendo, de uma forma geral, os dados levam-nos a afirmar que tanto para os pais homossexuais como para os pais heterossexuais, um “bom pai” significa ter disponibilidade e partilha de tempo livre com os seus filhos, significa ter cumplicidade na dinâmica relacional e significa partilhar interesses. Por outro lado, os pais das duas orientações sexuais afirmaram que a parentalidade engloba o respeito mútuo, a honestidade, estimulação e encorajamento face a obstáculos e dificuldades no decurso do crescimento/desenvolvimento. O diálogo e comunicação, o interesse pelo percurso de aprendizagens dos filhos, a compreensão das dificuldades e preocupação pelos problemas dos

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

seus filhos, a segurança dos filhos, a proximidade e acompanhamento do crescimento e desenvolvimento dos filhos ou ainda a compreensão demonstrada pelas tristezas dos filhos são factores inerentes, de acordo com as populações em estudo, ao bom exercício da parentalidade. Neste sentido, estando os pais de ambas as orientações sexuais, de um modo geral, de acordo relativamente ao que é ser um bom pai podemos questionar-nos se faz sentido ponderar uma possível aceitação da homoparentalidade de acordo com os resultados obtidos? De acordo com a American Psychological Association (APA), não existe evidências científicas que comprovem que as pessoas homossexuais não são competentes no exercício da parentalidade, considerando apenas a sua orientação sexual. Porque a homossexualidade foi estigmatizada quer pela sociedade, religião e comunidade científica, sendo encarada como uma doença mental e por isso integrada na nosografia psiquiátrica, o próprio preconceito perante a parentalidade homossexual parece advir desse fato (West, 2008). Contudo, os estudos têm apontado que os pais homossexuais são tão capazes como os pais heterossexuais de criar ambientes saudáveis para os filhos (Paige, 2005). Também Biblarz e Stacey (2010) verificaram sobretudo semelhanças entre o comportamento parental das pessoas lésbicas/gays e o comportamento parental das pessoas heterossexuais. Do mesmo modo, de acordo com os resultados obtidos neste estudo, os pais homo e hétero não diferem no que toca às representações parentais logo não se pode afirmar ou infirmar que os pais homossexuais não são “bons pais”. Talvez seja o medo de que as famílias heterossexuais tradicionais comecem a desaparecer que faz com que a parentalidade homossexual constitua ainda uma questão crítica para qualquer pessoa que se sinta interessada na possibilidade de mudança social (Donovan & Wilson, 2005).

## **VI Limitações e sugestões para estudos futuros**

De entre as limitações do estudo a tomar em consideração, destaca-se o número da amostra recolhido. Devido às características da amostra homossexual, tornou-se difícil a recolha de um maior número de dados. Neste sentido, seria pertinente que estudos futuros incluíssem um maior número de sujeitos. Por outro lado, a maioria da amostra que compõem este estudo é do género feminino, pelo que seria interessante um estudo que incluísse um maior número de sujeitos do género masculino. Uma outra limitação do estudo, diz respeito aos instrumentos utilizados, pelo que seria pertinente a elaboração de um estudo que incluísse outro tipo de instrumentos que avaliasse um maior número de tarefas inerentes à parentalidade. Seria também pertinente um estudo que incluísse as representações que os filhos possuem do exercício de parentalidade dos pais.

No que concerne a estudos futuros, seria pertinente realizar estudos que envolvam a população homossexual em Portugal pois “Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

existe uma grande escassez de estudos com este tipo de população. Outra sugestão, advém da necessidade de aprofundar o estudo da parentalidade na homossexualidade, levando em consideração os estilos parentais. Torna-se também pertinente a realização de um estudo onde se possa comparar a parentalidade dos homossexuais e a parentalidade dos heterossexuais. Seria igualmente pertinente investigar o que a população portuguesa pensa acerca das famílias homoparentais. Neste sentido, há um grande número de possíveis estudos a serem realizados sobre a homoparentalidade e por isso revela-se necessária a construção e validação de instrumentos que permitam avaliar o construto. Seria também interessante analisar a influência da questão da homoparentalidade no desenvolvimento emocional e na saúde mental da criança portuguesa.

## VII Conclusão

Porque a família começa na infância dos pais (Sá, 2009) importa perceber que a sexualidade é fundada nas primeiras experiências afetivas do bebé (Freud, 2009). Neste sentido, é com base no desenvolvimento da sexualidade e com a resolução do conflito do complexo de Édipo que o sujeito se irá organizar e estruturar nomeadamente no que se refere à diferenciação dos sexos (Etchegoyen & Trowell, 2002; moreira, 2004). É precisamente na infância com a fixação primária num dos pais e com a decepção vinda do outro que a homossexualidade pode emergir (Barbero, 2005).

Com o surgimento da homossexualidade, novas estruturas familiares emergem, colocando o conceito de “família sagrada” (formada por um pai, uma mãe e filhos) em questionamento (Carter & Mcgoldrick, 2001). Neste sentido, a família homoparental oferece um modelo alternativo de família, na qual se inclui um vínculo afetivo entre pessoas do mesmo sexo (Zambrano, 2006). Contudo, após diferentes estudos terem demonstrado que os homossexuais são tão habilitados para a parentalidade como os heterossexuais, ainda é considerada, por parte de muitos, antinatural (Mallon, 1993; Clarke, 2001). Neste sentido vários argumentos contra este tipo de família têm surgido: a bíblia que sugere que a homoparentalidade é pecado e que coloca em risco o desaparecimento da própria civilização, as crianças com pais homossexuais são abusadas sexualmente, a falta da presença dos dois sexos em que a criança irá viver sem referências masculinas ou femininas constitui outro argumento contra a homoparentalidade entre outros (Clarke, 2001). Devido às críticas bem como alguma intolerância por parte de muitos os estudos realizados sobre a parentalidade homossexual são ainda escassos.

Sendo este um fenómeno emergente nas sociedades contemporâneas, torna-se importante a sua investigação de forma a poder ser debatido nas mais diversas áreas. Em Portugal, sabe-se da existência deste tipo de famílias, mas é ainda difícil apontar números reais pois estas famílias são estigmatizadas pela sociedade. Porque os estudos que tratem esta problemática são pertinentes, este trabalho “Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

tentou contribuir para o debate desta nova forma de se ser família. Sendo os estudos que considerem a temática da parentalidade homossexual escassos, este estudo que abrange as representações que os homossexuais têm da parentalidade é pioneiro.

O estudo efetuado pretendeu responder às questões *será que a orientação sexual dos pais influencia as representações parentais? Será que as representações parentais da parentalidade são distintas para as diferentes populações?* Com os resultados obtidos, pode concluir-se que a orientação sexual dos pais não influencia as representações parentais de parentalidade. Concomitantemente, os sujeitos homossexuais estão de acordo com os sujeitos heterossexuais no que diz respeito às tarefas inerentes ao bom desempenho da parentalidade. Verificou-se que tanto a população homossexual como a população heterossexual acreditam que a parentalidade comporta factores como o respeito mútuo, a honestidade, o encorajamento dos filhos, o interesse pelos filhos, a compreensão, a proximidade e acompanhamento, a cumplicidade, a partilha e o diálogo. Os resultados permitiram concluir também que os pais quer homo ou heterossexuais privilegiam o suporte social no exercício da parentalidade. Este estudo permitiu igualmente inferir que variáveis como a escolaridade dos pais ou a religiosidade destes não influenciam as representações e significações que estes atribuem à parentalidade.

Para finalizar, o presente estudo tem como objectivo contribuir para a pouca investigação que existe sobre a temática da parentalidade homossexual, nomeadamente em Portugal. Permite também contribuir para o desenvolvimento de novos estudos que tratem esta problemática, especificamente seria pertinente perceber como a parentalidade homossexual influencia a saúde mental das crianças.

### **Bibliografia**

Abreu, P., Álvares, M., Campos, E.M. (2007). *Doença e família. In Infância e Família*. São Paulo, Caso do Psicólogo. Acedido em Março 14, 2012 em <http://books.google.pt/books?id=ZUv0a4gH3B0C&pg=PA143&lpg=PA143&dq=fun%C3%A7%C3%B5es+da+fam%C3%ADlia&source=bl&ots=4APtdUIACE&sig=N-OwjqNE8viiqzbnPwZBN82ovI&hl=pt-PT&sa=X&ei=IJtxUOiwOYmChQepyYCYDg&ved=0CDMQ6AEwAA#v=onepage&q=fun%C3%A7%C3%B5es%20da%20fam%C3%ADlia&f=false>

Allen, K., Demo, D.H. (1995). The Families of Lesbians and Gay Men: A New Frontier in Family Research. *Journal of Marriage and Family*, 57, 111-127.

Almeida- Filho, N., Andrade, S.A., Barreto, M.L., Bastos, A.C., Pedromônico, M., Regina. M., Santos, D.N.(2005). Ambiente familiar e desenvolvimento cognitivo infantil: uma abordagem epidemiológica. *Revista Saúde Pública*, 39, 606-611.

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

American Psychological Association. (2008). *Sexual Orientation & Homosexuality*. Acedido em Dezembro 13, 2012 em <http://www.apa.org/topics/sexuality/orientation.aspx?item=1>

Averett, P., Nalavany, B., Ryan, S. (2009). An Evaluation of Gay/Lesbian and Heterosexual Adoption. *Adoption Quarterly*, 12, 129 – 151.

Aznar-Farias, M., Schoen-Ferreira, T.H., Silveira, E.F. (2003). A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia*, 8, 107-115.

Balen, F., Boon, D.C., Bos, H.M.W. (2005). Lesbian families and family functioning: an overview. *Patient Education and Counseling*, 59, 263-275.

Barbero, G.H. (2005). *Homossexualidade e Perversão na Psicanálise: uma resposta aos Gay & Lesbian studies*. Acedido em Novembro 30, 2011, em <http://books.google.pt/books?id=odrAHSQHyXMC&pg=PA61&lpg=PA61&dq=foucault+e+homossexualidade&source=bl&ots=p-8mwGI4al&sig=VfhV-vI3nQYiGePLQ62ELoTe9TM&hl=pt-PT&sa=X&ei=SkhDUJbqIcHJhAeM-4HABQ&ved=0CEgQ6AEwBA#v=onepage&q=foucault%20e%20homossexualidade&f=false>

Berkowitz, D., Ryan, A. (2009). Constructing Gay and Lesbian Parent Families “Beyond the Closet”. *Qual Sociol*, 32, 153-172.

Blanchard, R., Bogaert, A.F. (1996). Biodemographic comparisons of homosexual and heterosexual men in the Kinsey interview data. *Archives of Sexual Behavior*, 25, 551- 579.

Biblarz, T.J, Stacey, J. (2010). How Does the Gender of Parents Matter? *Journal of Marriage and Family*, 72, 3-22.

Braconnier, A., Marcelli, D. (1998). *L'Adolescence aux mille visages*. Acedido em Dezembro 3, 2011 em <http://books.google.pt/books?id=8BTmXDIfx7oC&printsec=frontcover&dq=braconnier+e+marcelli&source=bl&ots=T5DjRnIO4h&sig=FRCBtDjB9A0JT-FP32hukCK7Zpo&hl=pt-PT&sa=X&ei=fsAqUPLCKMSnhAfGtYGoBA&ved=0CC8Q6AEwAA#v=onepage&q=braconnier%20e%20marcelli&f=false>

Brewaeys, A., Ponjaert, I., Van Hall, E. V. e Golombok, S. (1997). Donor insemination: Child development and family functioning in lesbian mother families. *Human Reproduction*, 12, 1349-1359.

Borges, M.L. (2005). Função materna e função paterna: suas vivências na atualidade. Dissertação de pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal da Uberlândia. Acedido em Março 30, 2012 em [http://www.bdtd.ufu.br/tde\\_arquivos/21/TDE-2005-12-21T145321Z-63/Publico/MBorgesDISSPRT.pdf](http://www.bdtd.ufu.br/tde_arquivos/21/TDE-2005-12-21T145321Z-63/Publico/MBorgesDISSPRT.pdf)

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Cameron, K., Cameron, P. (1996). Homosexualparents. *Adolescence*, 31, 757-776

Cameron,P. (2006). Children of homosexuals and transsexuals more apt to be homosexual. *Journal biosocial scientific*, 38, 413-418.

Carter, B., McGoldrick, R. (1995). *As Mudanças no Ciclo da Vida Familiar*. Porto Alegre: Artes médicas.

Causse, J.D., Müller, D. (2009). *Introdução à l'ethique, Penser, croire, agir*. Acedido em Novembro 21, 2011 em [http://books.google.pt/books?id=KTl3sUbzvBAC&pg=PA438&lpg=PA438&dq=homoparentalit%C3%A9&source=bl&ots=L4jCLJRnYO&sig=uPPIwm37\\_pMb4w-2p6tW3c5VGJA&hl=pt-PT&sa=X&ei=5jQtUNdqwrWEB7G9gPgI&ved=0CDMQ6AEwATgK#v=onepage&q=homoparentalit%C3%A9&f=false](http://books.google.pt/books?id=KTl3sUbzvBAC&pg=PA438&lpg=PA438&dq=homoparentalit%C3%A9&source=bl&ots=L4jCLJRnYO&sig=uPPIwm37_pMb4w-2p6tW3c5VGJA&hl=pt-PT&sa=X&ei=5jQtUNdqwrWEB7G9gPgI&ved=0CDMQ6AEwATgK#v=onepage&q=homoparentalit%C3%A9&f=false)

Clarke, V. (2001). What About the Children? Arguments Against Lesbian and Gay Parenting. *Women's Studies International Forum*, 24, 555–570.

Costa, M. C., Lopes, C.P.,Souza, R.P., Patel, B.N.(2001) Sexualidade na adolescência: desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção. *Jornal de Pediatria*, 77, 217-224

Dessen, M.A., Polonia, A.C. (2007).A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. *Família e Escola*,17, 21-32.

Donovan,C., Wilson,R. (2005). New Parenting: opportunities Challenges. *Sexualities*, 8,131-136.

Downey, J., Friedman, R. (1998). Psychoanalysis and The Model of Homosexuality as Psychopathology: A Historical Overview. *The American Journal of Psychoanalysis*, 58, 249- 270.

Duby,G. (1991). *Amor e sexualidade no Ocidente*. Portugal: Terramar Editores.

Dunst, C.J., Hamby, D.W., Trivette, C.M. (2010).Influences of Family-Systems Intervention Practices on Parent–Child Interactions and Child Development. *Topics in Early Childhood Special Education*, 30, 3-19.

Etchegoyen, A., Trowell, J. (2002). *The importance of Fathers: A psychoanalytic re- evaluation*. London: The institute of Psycho-Analysis.

Erikson, E. H. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar. Acedido em Julho, 12, 2012 em [http://books.google.pt/books/about/IDENTIDADE\\_JUVENTUDE\\_E\\_CRISE.html?id=7c10PgAACAAJ&redir\\_esc=y](http://books.google.pt/books/about/IDENTIDADE_JUVENTUDE_E_CRISE.html?id=7c10PgAACAAJ&redir_esc=y)

Faria, D.E. (2003). *O pai possível: conflitos da paternidade contemporânea*. Acedido em Novembro 19, 2011 em <http://books.google.pt/books?id=Xb1M2aMIY74C&printsec=frontcover&dq=pai&hl=pt->

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

PT&sa=X&ei=moa7T7f2FeXU0QWXs7ThBw&ved=0CGYQ6AEwCQ#v=onepage&q=pai&f=false

Farr, R., Patterson, C., Tornello, S. (2011). Predictors of Parenting Stress Among Gay Adoptive Fathers in the United States. *Journal of Family Psychology*, 25, 591- 600

Flavigny, C. (2006). L'adoption peut-elle être ouverte aux homosexuels? *Journal de pédiatrie et de puériculture*, 19, 163-166.

Fontaine, A.M., Gato, J. (2011). Impacto da orientação sexual e do género na parentalidade: Uma revisão dos estudos empíricos com famílias homoparentais. *ex æquo*, 23, 83-96.

Freud, S. (2009). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Lisboa: Relógio D'Água.

Garcia, J.C. (2002). *Problemáticas da identidade sexual*. Acedido em Novembro 21, 2011 em <http://books.google.pt/books?id=cA8nCQaGMJYC&printsec=frontcover&dq=problem%C3%A1tica+da+identidade+sexual&hl=pt-PT&sa=X&ei=iVtOT-L-NYmY8gOTxqTyAg&ved=0CDEQ6AEwAA#v=onepage&q=problem%C3%A1tica%20da%20identidade%20sexual&f=false>

Geets, C. (1971). *Melanie Klein*. Paris: Psychothèque Éditions Universitaires

Gershon, T.D., Jemerin, J.M., Tschann, J.M. (1999). Stigmatization, Self-Esteem, and Coping Among the Adolescent Children of Lesbian Mothers. *Journal of Adolescent Health*, 24, 437-445.

Gimeno, A. (2001). *A família: o desafio da diversidade*. Lisboa: Instituto Piaget.

Goldberg, A. & Smith, J. (2009). Perceived Parenting Skill Across the Transition to Adoptive Parenthood Among Lesbian, Gay, and Heterosexual Couples. *Journal of Family Psychology*, 23, 861-870.

Golombok, S., Spencer, A., Rutter, M. (1983). Children in lesbian and single-parent households: Psychosexual and psychiatric appraisal. *Child Psychology and Psychiatry*, 24, 551 – 572.

Golombok, S., Tasker, F.L. (1997). *Growing Up in a Lesbian Family: Effects on Child Development*. New York: The Guilford Press.

Golombok, S., MacCallum, F., (2004). Children raised in fatherless families from infancy: A follow-up of children of lesbian and single heterosexual mothers at early adolescence. *Journal of Psychology and Psychiatry*, 45, 1407-1419.

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Grinberg, L. & Grinberg, R. (1976). *Identidade e Mudança*. Lisboa: Climepsis Editores.

Gross, M., Poteat, V.P., Vecho, O. (2011). Partage des tâches parentales au sein des couples de mères lesbiennes française ayant eu recours à une insémination artificielle avec donneur anonyme. *Psychologie Française*, 56, 1-18.

Hemo, D. (2000). Children's Experience of Family diversity. *Kappa Phi Journal*, 18, 16-20.

Kamers, M. (2006). As novas configurações da família e o estatuto simbólico das funções parentais. *Estilo da Clínica*, 11, 108-125.

Kindler, P., Erich, S. (2005). Perceptions of Social Support Among Heterosexual and Homosexual Adopters. *Families in Society: The Journal of Contemporary Social Services*, 86, 541 – 546

Klein, M. (1997). *Psychoanalysis of Children*. Lisboa: Vintage

Lacan, J. (1966). *Écrits: A selection*. Acedido em Dezembro 12, 2011 em <http://books.google.pt/books?id=d0VWYpp7GH8C&printsec=frontcover&dq=lacan&hl=ptPT&sa=X&ei=epK7TzIKtCY0QWv1KWeCA&ved=0CDQQ6AEwAA#v=onepage&q=lacan&f=false>

Lichtanski, K. (2004) A comparison of adoptive gay and adoptive heterosexual fathers: differences in their perception of parenting abilities, level of parental stress, style of parenting, and available social support ( Doctoral dissertation, Capella University, 2004).

Lins, J., Svartman, R. (2005). *Quando éramos virgens – histórias da primeira vez*. Acedido em Dezembro 12, 2011 em [http://books.google.pt/books?id=vtsk4Tdiz9oC&pg=PA41&lpg=PA41&dq=sair+do+armario&source=bl&ots=IOs7rUouS0&sig=Oz\\_eC04WE9oAeoM4THyjDEYc1Pc&hl=pt-PT&sa=X&ei=A4VEUN-QH5DqmAWDoIGwCg&ved=0CEUQ6AEwBA#v=onepage&q=sair%20do%20armario&f=false](http://books.google.pt/books?id=vtsk4Tdiz9oC&pg=PA41&lpg=PA41&dq=sair+do+armario&source=bl&ots=IOs7rUouS0&sig=Oz_eC04WE9oAeoM4THyjDEYc1Pc&hl=pt-PT&sa=X&ei=A4VEUN-QH5DqmAWDoIGwCg&ved=0CEUQ6AEwBA#v=onepage&q=sair%20do%20armario&f=false)

Lubbe, C. (2007). Mathers, Fathers, or parents: same-gendered families in South Africa. *South Africa Journal of psychology*, 37, 260-283.

Macedo, R.M. (1994). A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer?. *Caderno de pesquisa*, São Paulo, 91, 62-68.

Mallon, G. (1993). *The Lesbian and Gay Parenting Handbook: Creating and Raising our Families*. *Child Welfare*, 76, 467-469.

Stacey, J. (2006). Gay male parenthood and the decline of paternity as we knew it. *Sexualities*, 9, 27-55.

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais



Matias, D. (2007). Psicologia e Orientação Sexual: : Realidades em Transformação. *Análise Psicológica*, 1, 149-152.

Migueliz, N (2007). *Complexo de Édipo, Clínica Psicanalítica*. Acedido em Dezembro 14, 2011 em [http://books.google.pt/books?id=MApwY57652oC&printsec=frontcover&dq=complexo+de+edipo&source=bl&ots=dSUzudX8vM&sig=-9IL2GcKXyDVD1aJh\\_uxOdsPI8&hl=pt-PT&sa=X&ei=W28pUNDiJcrAhAeG24CwAg&ved=0CC8Q6AEwAA#v=onepage&q=complexo%20de%20edipo&f=false](http://books.google.pt/books?id=MApwY57652oC&printsec=frontcover&dq=complexo+de+edipo&source=bl&ots=dSUzudX8vM&sig=-9IL2GcKXyDVD1aJh_uxOdsPI8&hl=pt-PT&sa=X&ei=W28pUNDiJcrAhAeG24CwAg&ved=0CC8Q6AEwAA#v=onepage&q=complexo%20de%20edipo&f=false)

Mendes, S.M. (2007). Homossexualidade: a concepção de Michel Foucault em contraponto ao conhecimento neurofisiológico do século XXI. *Revista de Psicologia Encontro*, 16, 249-262.

Moreira, J. (2004). Édipo em Freud: O Movimento de uma Teoria. *Psicologia em Estudo*, 9, 219-227.

Mowder, A., Respler-Herman, M., Shamah, R., Yasik, A. (2012). Parenting Beliefs, Parental Stress, and Social Support Relationships. *J Child Fam Stud*, 21, 190-198.

Nasio, J.D. (2007) *Édipo – o complex do qual nenhuma criança escapa*. Acedido em Dezembro 14, 2011 em <http://pt.scribd.com/doc/61394053/NASIO-J-D-Edipo>.

Paige, R. (2005). *Proceedings of the American Psychological Association, Incorporated, for the legislative year 2004. Minutes of the meeting of the Council of Representatives July 28 & 30, 2004, Honolulu, HI*. Consultado em Janeiro 11, 2011 em <http://www.apa.org/aboutgovernance/council/policy/parenting.aspx>

Pais-Ribeiro, J. L. (1999). *Investigação e Avaliação em Psicologia e Saúde*. Lisboa: Climepsi.

Paiva, M.L., Rodriguez, B.C.(2009). Um Estudo sobre o Exercício da Parentalidade em Contexto Homoparental. *Revista do NESME*, 1, 01-111.

Patterson, C. J. (2002). Lesbian and gay parenthood. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting, Vol 3: Being and becoming a parent* (pp. 317-338). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Patterson, C. & Riskind, R. (2010). Parenting Intentions and Desires Among Childless Lesbian, Gay, and Heterosexual Individuals. *Journal of Family Psychology*, 24, 78-81.

Passos, M.C. (2007). Funções maternas e paternas nas famílias homoparentais. In Féres- Carneiro, T. (org.), *Família e Casal: Saúde, trabalho e modos de vinculação* (269-280). São Paulo: Casa do Psicólogo. Acedido em Maio 10, 2012 em [http://books.google.pt/books?id=\\_qT1osxSFZIC&pg=PA277&lpq=PA277&dq=fun%C3%A7%C3%B5es+da+família&source=bl&ots=GtQTzyjEgm&sig=2d\\_YW8HfbfNL93k0V5BLIRBm2yk&hl=pt-PT&sa=X&ei=lJtxUOiwoYmChQepyYCYDg&ved=0CEoQ6AEwB](http://books.google.pt/books?id=_qT1osxSFZIC&pg=PA277&lpq=PA277&dq=fun%C3%A7%C3%B5es+da+família&source=bl&ots=GtQTzyjEgm&sig=2d_YW8HfbfNL93k0V5BLIRBm2yk&hl=pt-PT&sa=X&ei=lJtxUOiwoYmChQepyYCYDg&ved=0CEoQ6AEwB)  
 “Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

A#v=onepage&q=fun%C3%A7%C3%B5es%20da%20familia&f=false

Poston, L. (2004). *Ser Pai, Ser Mãe: Parentalidade*. Acedido em Dezembro 15, 2011 em [http://books.google.com.br/books?id=hUFyDL2uMJ0C&printsec=frontcover&dq=ser+pai,+ser+m%C3%A3e+parentalidade&hl=pt-PT&sa=X&ei=8DVzT\\_\\_1HIqU8gP78LUv&ved=0CDgQ6AEwAA#v=onepage&q=ser%20pai%2C%20ser%20m%C3%A3e%20parentalida&f=false](http://books.google.com.br/books?id=hUFyDL2uMJ0C&printsec=frontcover&dq=ser+pai,+ser+m%C3%A3e+parentalidade&hl=pt-PT&sa=X&ei=8DVzT__1HIqU8gP78LUv&ved=0CDgQ6AEwAA#v=onepage&q=ser%20pai%2C%20ser%20m%C3%A3e%20parentalida&f=false).

Ribeiro, L. (2010). Homossexualismo e endocrinologia. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund*, 13, 498 – 511.

Relvas, A. (1996). *O Ciclo Vital da Família: Perspectiva Sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.

Sá, E. (2003). *Textos com Psicanálise*. Lisboa: Fim de século.

Sá, E. (2009). *Esboços para uma nova psicanálise*. Coimbra: Edições Almedina.

Sampaio, D. (1994). *Inventem-se novos pais*. Lisboa: Editorial Caminho.

Santos, C. A (2004). Parentalidade em famílias homossexuais com filhos: um estudo fenomenológico de vivências de gays e lésbicas. Tese de Doutorado, FFCLPRP. Universidade de São Paulo.

Segal, H. (2008). *Introduction to the work of Melanie Klein*. Acedido em Janeiro 4, 2012 em [http://books.google.pt/books?id=zsKm4sg\\_pmgC&printsec=frontcover&dq=segal&source=bl&ots=KjpLDII6vI&sig=SO79XoOpGo2JzlkDE7k5JDkKca4&hl=pt-PT&sa=X&ei=5iEpUPamKsiyhAe-vIHIAw&sqi=2&ved=0CGAQ6AEwCA#v=onepage&q=segal&f=false](http://books.google.pt/books?id=zsKm4sg_pmgC&printsec=frontcover&dq=segal&source=bl&ots=KjpLDII6vI&sig=SO79XoOpGo2JzlkDE7k5JDkKca4&hl=pt-PT&sa=X&ei=5iEpUPamKsiyhAe-vIHIAw&sqi=2&ved=0CGAQ6AEwCA#v=onepage&q=segal&f=false)

Selekman, J. (2007). Homosexuality in Children and/or Their Parents. *Pediatric Nursing*, 33, 453- 457.

Tasker, F. (2010). Same-Sex Parenting and Child Development: Reviewing the Contribution of Parental Gender. *Journal of Marriage and Family*, 72, 35-40.

Tuazon-McCheyne, J. (2010). Two Dads: Gay Male Parenting and its Politicisation — A Cooperative Inquiry Action Research Study. *The Australian and New Zeland Journal of Family Therapy*, 31, 311-323.

Uziel, A.P. (2002). Família e Homossexualidade: Velhas Questões, Novos Problemas. Tese de Doutoramento. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

Viera, R. (2011). Homoparentalidade: Estudo Psicanalítico sobre Papeis e Funções Parentais Em Casais Homossexuais Com

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Filhos. Dissertação de mestrado, Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

West, D.J. (2008). *Homosexuality its nature and causes*. Acedido em Novembro 15, 2012 em [http://books.google.pt/books?id=DYTcx7FFSpMC&printsec=frontcover&dq=homosexuality&source=bl&ots=ELhB7zKVGt&sig=VTkWDRPrPZdQ4fr09R8sbb\\_2saU&hl=pt-PT&sa=X&ei=A3VCUPqBBpC1hAfn4IHg&ved=0CC8Q6AEwAA#v=onepage&q=homosexuality&f=false](http://books.google.pt/books?id=DYTcx7FFSpMC&printsec=frontcover&dq=homosexuality&source=bl&ots=ELhB7zKVGt&sig=VTkWDRPrPZdQ4fr09R8sbb_2saU&hl=pt-PT&sa=X&ei=A3VCUPqBBpC1hAfn4IHg&ved=0CC8Q6AEwAA#v=onepage&q=homosexuality&f=false)

Winnicott, D. W. (2005). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes.

Winnicott, D.W. (2006). *Os Bebês e suas Mães*. São Paulo: Martins Fontes.

Zambrano, E. (2006). *Direito à homoparentalidade: Cartilha sobre as famílias constituídas por pais homossexuais*. Acedido em Novembro 5, 2012 em [http://www.abglt.org.br/docs/zambrano\\_et\\_al\\_homoparentalidade\\_-\\_A4\[1\].pdf](http://www.abglt.org.br/docs/zambrano_et_al_homoparentalidade_-_A4[1].pdf)

Zambrano, E. (2008). “Nós também somos Família”: Estudo sobre a parentalidade homossexual, travesti e transexual. Dissertação de Doutorado em Antropologia Social não publicada. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Acedido em Novembro 20, 2011 em <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17649/000718906.pdf?sequence=1>

Zimerman, D. (1999). *Fundamentos Psicanalíticos-Teoria, Técnica e Clínica*. Porto Alegre: Artmed.

Zimerman, D.E. (2004). *Bion: Da teoria à prática*. Porto Alegre: Artmed.

**Anexos**

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Ana Catarina Oliveira (anacatarina12@msn.com)

Anexo 1. Questionário Sócio-Demográfico

Anexo 2. Escala de Atitudes e Representações da Parentalidade (EARP)

Anexo 3. Estatísticas descritivas relativas às variáveis socio-demográficas

Anexo 4. Estatísticas descritivas item a item para a Sub-escala *Desafios da Parentalidade*

Anexo 5. Estatísticas descritivas item a item para a Sub-escala *Suporte/Exigência*

Anexo 6. Estatísticas descritivas item a item para a Sub-escala *Proximidade/Responsividade*

Anexo 7. Resultados da correlação de *Pearson* entre as variáveis consideradas em estudo

Anexo 8. Resultados da correlação de *Pearson* entre as variáveis consideradas em estudo

Anexo 9. Homogeneidade das variâncias

Anexo 10. Resultados da *ANOVA* para as variáveis em estudo

Anexo 11. Resultados do *Teste T* para as variáveis consideradas em estudo

Anexo 12. Resultados do *Teste T* para as variáveis consideradas em estudo

Anexo 13. Resultados do *Teste T* para as variáveis consideradas em estudo

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Ana Catarina Oliveira (anacatarina12@msn.com)

## Anexo 1. Questionário Sócio-Demográfico

### Questionário socio-demográfico

É muito importante que leia atentamente e **responda a todas as questões**. Deixar questões em branco inutiliza todo o questionário e impossibilita que as suas respostas sejam incluídas na investigação.

1. Idade: \_\_\_\_\_

2. Sexo:

Feminino       Masculino

3. Área de Residência:

Norte       Algarve       Grande Lisboa       Arquipélago . Madeira

Centro       Alentejo       Arquip. Açores       Outra

4. Orientação sexual:

Gay

Lésbica

Heterossexual

Homossexual

Outra: \_\_\_\_\_

5. Escolaridade:

0 a 4 anos de escolaridade

5- 6 anos de escolaridade

7-9 anos de escolaridade

10-12 anos de escolaridade

Licenciatura/Bacharelato

Mestrado

Doutoramento

Outro

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Ana Catarina Oliveira (anacatarina12@msn.com)

## 6. Religiosidade

- Não Crente       Crente Não Praticante       Crente Praticante

## 7. Estado Cívil

- Casado(a)       Divorciado(a)  
 Solteiro(a)       Viuvo(a)

## 8. Se faz parte de um casal homossexual ou heterossexual (casamento, união de facto/coabitação ou residencias separadas), há quanto tempo está nessa relação?

- Menos de 1 ano  
 1-2 anos  
 2-5 anos  
 5-10 anos  
 10 anos ou mais

## 9. Filhos

Numero de Filhos:

## 10. Os/As seus/suas filhos (as) vivem consigo? (pode assinalar mais do que uma resposta)

- Sim  
 Não  
 Todo o tempo  
 Mais de metade do tempo  
 Menos de metade do tempo

## 11. Este(a) filho(a) é:

- Biológico  
 Legal  
 Afectivo/social

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Ana Catarina Oliveira (anacatarina12@msn.com)

## Anexo 2. Escala de Atitudes e Representações da Parentalidade (EARP)

### Escala de Atitudes e Representações da Parentalidade (EARP)

Autora: Ana Rita de Carvalho, 2011

---

\*Obrigatório

#### Inquérito

De seguida irá encontrar um conjunto de afirmações em relação às quais deverá responder de numa escala de 1 a 5 de acordo com a sua perspectiva pessoal, na qualidade de pai/mãe. Lembramos que não existem respostas correctas ou erradas e os dados serão estritamente confidenciais.

1: Discordo

2: Discordo moderadamente

3: Nem concordo nem discordo

4: Concordo moderadamente

5:Concordo

1 - Um bom pai mantém o diálogo e a comunicação com o(s) filho(s). \*

	1	2	3	4	5	
Discordo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Concordo

2 - Um bom pai procura compreender as suas dificuldades. \*

	1	2	3	4	5	
Discordo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Concordo

3 - Um bom pai acompanha de perto o crescimento e desenvolvimento do(s) filho(s). \*

	1	2	3	4	5
--	---	---	---	---	---

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Ana Catarina Oliveira (anacatarina12@msn.com)



Discordo                        Concordo

4- É importante para os pais sentirem-se como alguém importante para o(s) seu(s) filho(s). \*

1      2      3      4      5  
Discordo                        Concordo

5 - É importante que os pais dialoguem frequentemente com o(s) seu(s) filho(s). \*

1      2      3      4      5  
Discordo                        Concordo

6 - Os pais devem estimular o(s) seu(s) filho(s) a ultrapassar as dificuldades. \*

1      2      3      4      5  
Discordo                        Concordo

7 - Um bom pai deve interessar-se pelas aprendizagens escolares do(s) seu(s) filho(s). \*

1      2      3      4      5  
Discordo                        Concordo

8 - Os bons pais devem mostrar-se compreensivos perante as tristezas do(s) seu(s) filho(s). \*

1      2      3      4      5  
Discordo                        Concordo

9- No exercício da parentalidade a segurança do(s) seu(s) filho(s) deverá ser tida sempre em conta. \*

1      2      3      4      5  
Discordo                        Concordo

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Ana Catarina Oliveira (anacatarina12@msn.com)

10 - É importante que os pais demonstrem carinho e afeição para com o(s) seu(s) filho(s). \*

	1	2	3	4	5	
Discordo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Concordo

11 - Um bom pai sacrifica-se pelo(s) seu(s) filho(s). \*

	1	2	3	4	5	
Discordo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Concordo

12 - Os pais devem respeitar as opiniões do(s) seu(s) filho(s). \*

	1	2	3	4	5	
Discordo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Concordo

13 - No exercício da parentalidade é importante os pais serem honestos com o(s) seu(s) filho(s). \*

	1	2	3	4	5	
Discordo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Concordo

14 - Os pais devem demonstrar preocupação pelos problemas do(s) seu(s) filho(s). \*

	1	2	3	4	5	
Discordo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Concordo

15 - Os bons pais estabelecem uma relação de conhecimento mútuo entre pais e filho(s). \*

	1	2	3	4	5	
Discordo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Concordo

16 - Os pais deverão encorajar frequentemente o(s) seu(s) filho(s). \*

	1	2	3	4	5	
Discordo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Concordo

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

17 - Os bons pais passam muito do seu tempo livre com o(s) seu(s) filho(s). \*

	1	2	3	4	5	
Discordo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Concordo

18 - Os bons pais estabelecem uma relação de cumplicidade com o(s) seu(s) filho(s). \*

	1	2	3	4	5	
Discordo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Concordo

19 - Os bons pais partilham muitos interesses com o(s) seu(s) filho(s). \*

	1	2	3	4	5	
Discordo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Concordo

20 - As características dos pais(s) influenciam as representações e o exercício da parentalidade. \*

	1	2	3	4	5	
Discordo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Concordo

21 - A experiência como filho é determinante na construção e no exercício da parentalidade. \*

	1	2	3	4	5	
Discordo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Concordo

22 - A rede de suporte familiar é muito importante no exercício da parentalidade. \*

	1	2	3	4	5	
Discordo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Concordo

FIM.

Muito obrigada pela sua colaboração! O seu contributo será indispensável!

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Ana Catarina Oliveira (anacatarina12@msn.com)

Se tiver interesse em conhecer as conclusões do nosso estudo, deixe-nos por favor o seu contacto de correio electrónico. Teremos todo o gosto em posteriormente lhe enviarmos as conclusões gerais da investigação em curso.

Email:

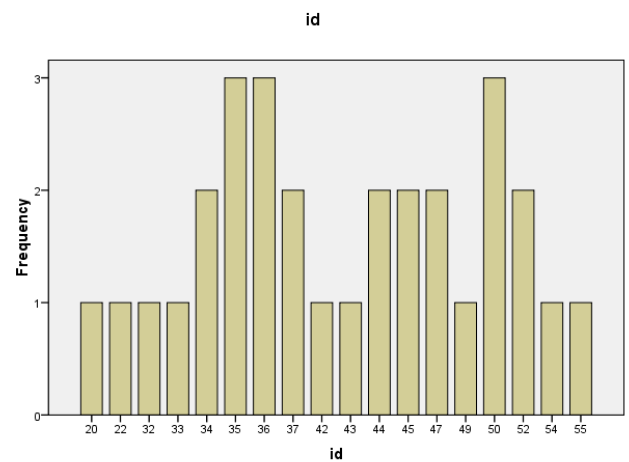
### Anexo 3. Estatísticas descritivas relativas às variáveis socio-demográficas

Statistics

	id	sex	aresidencia	orient.sexual	esc.	relig.	est.civil	relacionamento	nfilhos	hab.	filiac.
Mean	41,03	1,73	3,77	1,83	4,70	1,93	1,83	4,00	1,50	1,27	1,33
Median	42,50	2,00	3,50	2,00	5,00	2,00	1,00	5,00	1,00	1,00	1,00
Mode	35*	2	2	2	5	2	1	5	1	1	1
Std. Deviation	8,908	,450	1,906	,815	1,055	,785	1,159	1,482	,682	,640	,758

a. Multiple modes exist. The smallest value is shown

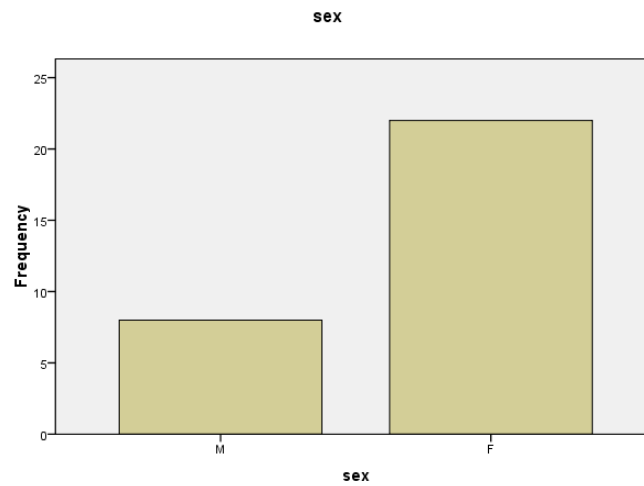
		id			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	20	1	3,2	3,3	3,3
	22	1	3,2	3,3	6,7
	32	1	3,2	3,3	10,0
	33	1	3,2	3,3	13,3
	34	2	6,5	6,7	20,0
	35	3	9,7	10,0	30,0
	38	3	9,7	10,0	40,0
	37	2	6,5	6,7	46,7
	42	1	3,2	3,3	50,0
	43	1	3,2	3,3	53,3
	44	2	6,5	6,7	60,0
	45	2	6,5	6,7	66,7
	47	2	6,5	6,7	73,3
	49	1	3,2	3,3	76,7
	50	3	9,7	10,0	86,7
	52	2	6,5	6,7	93,3
	54	1	3,2	3,3	96,7
	55	1	3,2	3,3	100,0
	Total		30	96,8	100,0
Missing	System	1	3,2		
Total		31	100,0		



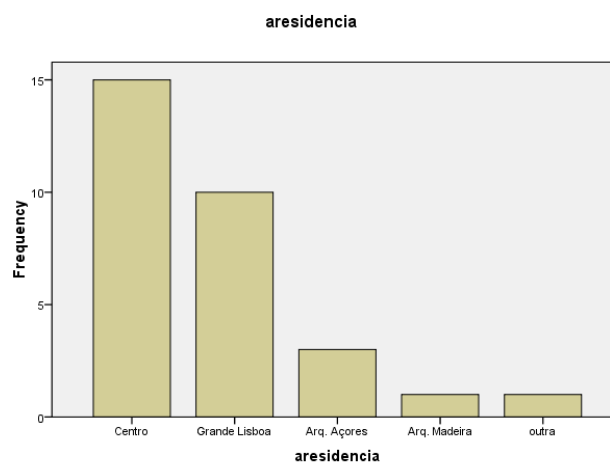
“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Ana Catarina Oliveira (anacatarina12@msn.com)

		Sex			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	M	8	25,8	26,7	26,7
	F	22	71,0	73,3	100,0
	Total	30	96,8	100,0	
Missing	System	1	3,2		
Total		31	100,0		



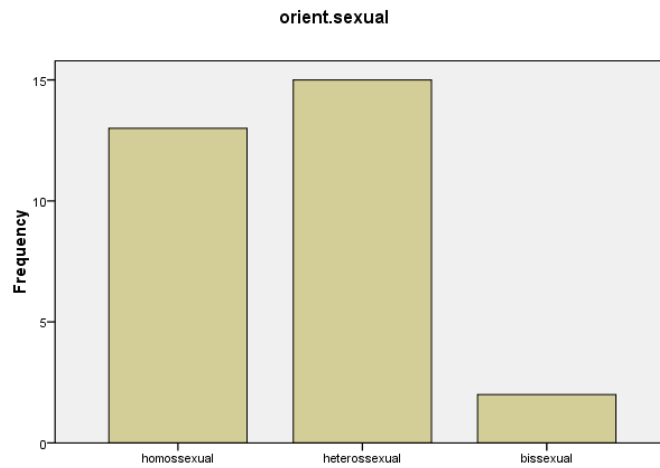
		Aresidencia			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Centro	15	48,4	50,0	50,0
	Grande Lisboa	10	32,3	33,3	83,3
	Arq. Açores	3	9,7	10,0	93,3
	Arq. Madeira	1	3,2	3,3	96,7
	outra	1	3,2	3,3	100,0
	Total	30	96,8	100,0	
Missing	System	1	3,2		
Total		31	100,0		



“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

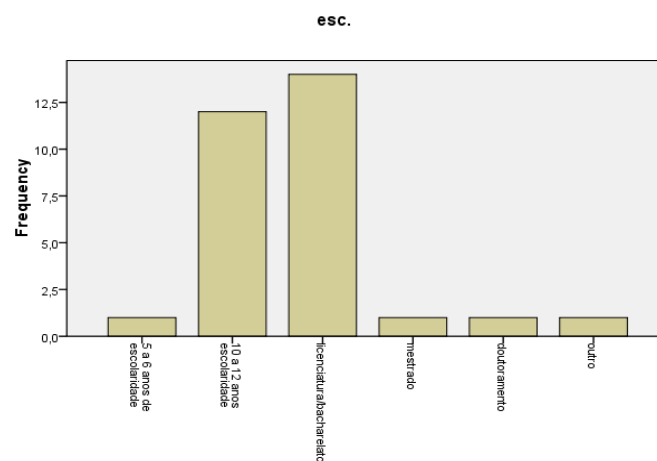
**orient.sexual**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	homossexual	13	41,9	43,3	43,3
	heterossexual	15	48,4	50,0	93,3
	bissexual	2	6,5	6,7	100,0
	Total	30	96,8	100,0	
Missing	System	1	3,2		
Total		31	100,0		



**esc.**

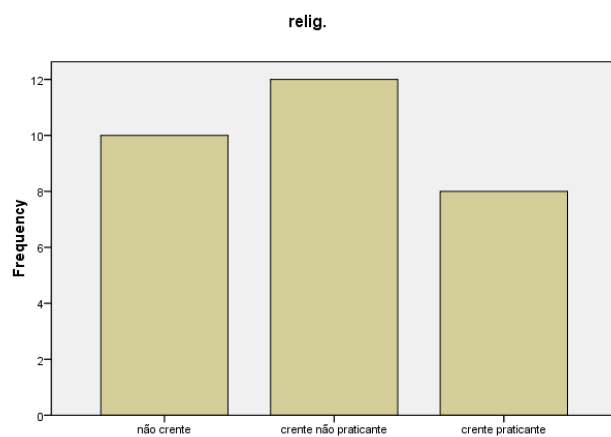
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	5 a 6 anos de escolaridade	1	3,2	3,3	3,3
	10 a 12 anos escolaridade	12	38,7	40,0	43,3
	licenciatura/bacharelato	14	45,2	46,7	90,0
	mestrado	1	3,2	3,3	93,3
	doutoramento	1	3,2	3,3	96,7
	outro	1	3,2	3,3	100,0
	Total	30	96,8	100,0	
Missing	System	1	3,2		
Total		31	100,0		



“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

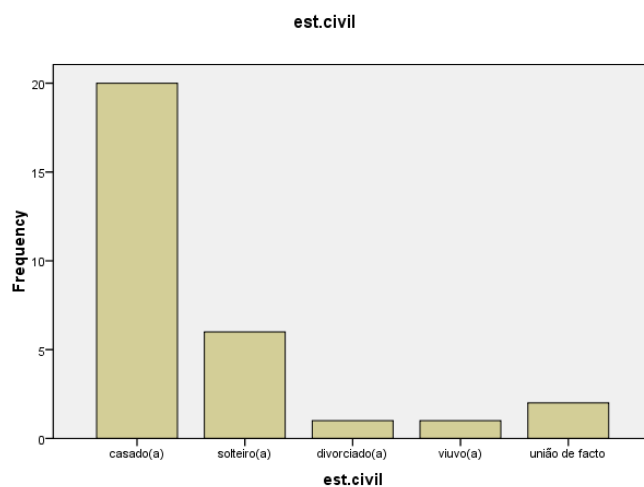
**relig.**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	não crente	10	32,3	33,3	33,3
	crente não praticante	12	38,7	40,0	73,3
	crente praticante	8	25,8	26,7	100,0
	Total	30	96,8	100,0	
Missing	System	1	3,2		
Total		31	100,0		



**est.civil**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	casado(a)	20	64,5	66,7	66,7
	solteiro(a)	6	19,4	20,0	86,7
	divorciado(a)	1	3,2	3,3	90,0
	viuvo(a)	1	3,2	3,3	93,3
	união de facto	2	6,5	6,7	100,0
	Total	30	96,8	100,0	
Missing	System	1	3,2		
Total		31	100,0		



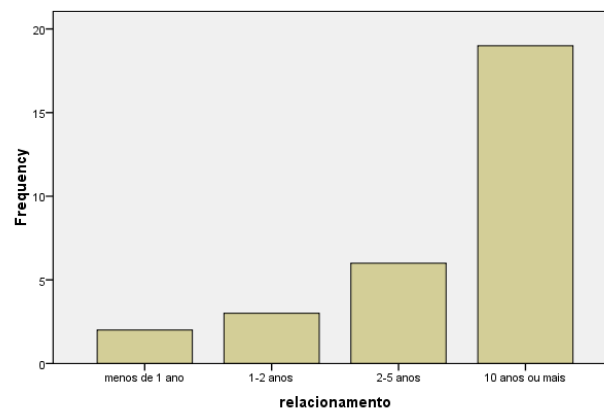
“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais



relacionamento

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	menos de 1 ano	2	6,5	6,7	6,7
	1-2 anos	3	9,7	10,0	16,7
	2-5 anos	6	19,4	20,0	36,7
	10 anos ou mais	19	61,3	63,3	100,0
	Total	30	96,8	100,0	
Missing	System	1	3,2		
Total		31	100,0		

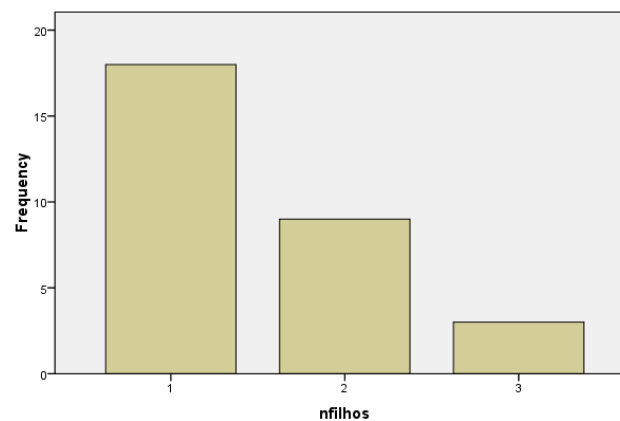
relacionamento



Nfilhos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1	18	58,1	60,0	60,0
	2	9	29,0	30,0	90,0
	3	3	9,7	10,0	100,0
	Total	30	96,8	100,0	
Missing	System	1	3,2		
Total		31	100,0		

nfilhos

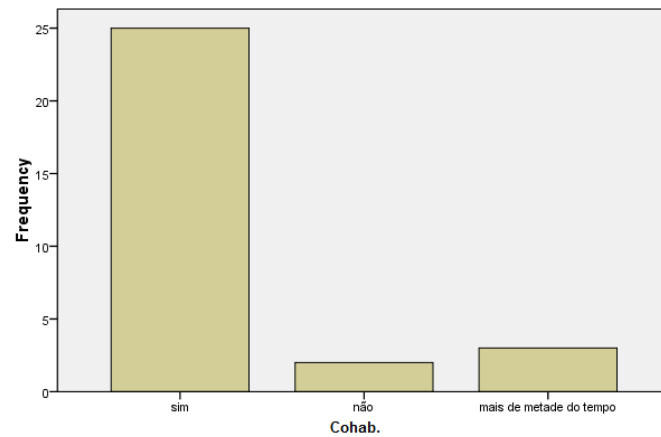


“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Cohab.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	25	80,6	83,3	83,3
	não	2	6,5	6,7	90,0
	mais de metade do tempo	3	9,7	10,0	100,0
	Total	30	96,8	100,0	
Missing	System	1	3,2		
Total		31	100,0		

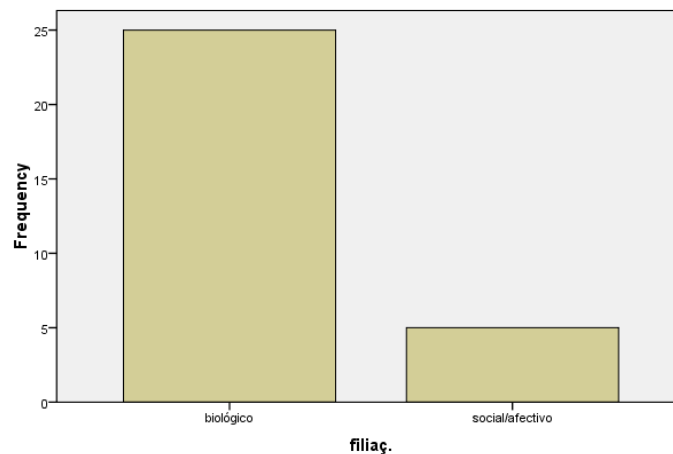
Cohab.



filiaç.

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	biológico	25	80,6	83,3	83,3
	social/afectivo	5	16,1	16,7	100,0
	Total	30	96,8	100,0	
Missing	System	1	3,2		
Total		31	100,0		

filiaç.



“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

#### Anexo 4. Estatísticas descritivas item a item para a Sub-escala Desafios da Parentalidade

Item	Discordo		Discordo moderadamente		Nem concordo nem discordo		Concordo moderadamente		Concordo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
1. Um bom pai mantém o diálogo e a comunicação com o(s) filho(s)							2	6.5	28	90.3
2. Um bom pai procura compreender as suas dificuldades							3	9.7	27	87.1
3. Um bom pai acompanha de perto o crescimento e desenvolvimento do(s) filho(s)							4	12.9	26	83.9
4. É importante para os pais sentirem-se como alguém importante para o(s) seu(s) filho(s)							3	9.7	27	87.1
5. É importante que os pais dialoguem frequentemente com o(s) seu(s) filho(s)							3	9.7	27	87.1
6. Os pais devem estimular o(s) seu(s) filho(s) a ultrapassar as dificuldades							1	3.2	29	93.5
7. Um bom pai deve interessar-se pelas aprendizagens escolares do(s) seu(s) filho(s)							1	3.2	29	93.5
8. Os bons pais devem mostrar-se compreensivos perante as tristezas do(s) seu(s) filho(s)					1	3.2	6	19.4	23	74.2
9. No exercício da parentalidade a segurança do(s) seu(s) filho(s) deverá ser tida sempre em conta							1	3.2	29	93.5
10. É importante							4	12.9	26	83.9

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

que os pais demonstrem carinho e afeição para com o(s) seu(s) filho(s)										
11. Um bom pai sacrifica-se pelo(s) seu(s) filho(s).	1	3.2	1	3.2	2	6.5	8	25.8	18	58.1

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Ana Catarina Oliveira (anacatarina12@msn.com)

### Anexo 5. Estatística descritiva item a item para Sub-escala Suporte/exigência

item	Discordo		Discordo moderadamente		Nem concordo nem discordo		Consordo moderadamente		Concordo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
1. Os pais devem respeitar as opiniões do(s) seu(s) filho(s)					3	9.7	10	32.3	17	54.8
2. No exercício da parentalidade é importante os pais serem honestos com o(s) seu(s) filho(s)							6	19.4	24	77.4
3. Os pais devem demonstrar preocupação pelos problemas do(s) seu(s) filho(s)							7	22.6	23	74.2
4. Os bons pais estabelecem uma relação de conhecimento mútuo entre pais e filho(s)							7	22.6	23	74.2
5. Os pais deverão encorajar frequentemente o(s) seu(s) filho(s)							5	16.1	25	80.6
6. Os bons pais passam muito do seu tempo livre com o(s) seu(s) filho(s)			1	3.2	2	6.5	11	35.5	16	51.6
7. Os bons pais estabelecem uma relação de cumplicidade com o(s) seu(s) filho(s)							13	41.9	17	54.8

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Ana Catarina Oliveira (anacatarina12@msn.com)

### Anexo 6. Estatística descritiva item a item para a sub-escala Proximidade/Responsividade

item	Discordo		Discordo moderadamente		Nem concordo nem discordo		Concordo moderadamente		Concordo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
1. Os bons pais partilham muitos interesses com o(s) seu(s) filho(s)	1	3.2			4	12.9	9	29.0	16	51.6
2. As características dos pais(s) influenciam as representações e o exercício da parentalidade			1	3.2	4	12.9	11	35.5	14	45.2
3. A experiência como filho é determinante na construção e no exercício da parentalidade					1	3.2	15	48.4	14	45.2
4. A rede de suporte familiar é muito importante no exercício da parentalidade							9	29.0	21	67.7

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Ana Catarina Oliveira (anacatarina12@msn.com)

### Anexo 7. Resultados da correlação de Pearson entre as variáveis consideradas em estudo

		id	sex	residencia	Orient sexual	esc.	relig.	est.civil	relacionamento	filhos	hab.	filiac.	desafiodaparentalidade	suporte.exigencia	proximidade.responsividade
id	Pearson Correlation	1	-	-.428	.197	-	.069	-.032	.301	.531	-	-	-.021	.202	.072
	Sig. (1-tailed)	.454		.006	.148	.449	.358	.433	.053	.001	.337	.000	.456	.142	.352
	N	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30
sex	Pearson Correlation	-.454	1	-.115	.008	-	.241	.203	.182	-.225	-	.270	-.015	-.395	-.071
	Sig. (1-tailed)	.006		.272	.483	.439	.100	.141	.168	.116	.117	.075	.469	.015	.355
	N	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30
residencia	Pearson Correlation	-.428	-.115	1	-.487	.324	-	.272	-.549	-.225	.307	.485	.056	.074	-.181
	Sig. (1-tailed)	.006	.272		.003	.040	.000	.073	.001	.116	.049	.003	.385	.349	.170
	N	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30
orient.sexual	Pearson Correlation	.197	.008	-.487	1	-.519	-.050		.096	.288	-	-	.086	-.036	.137
	Sig. (1-tailed)	.148	.483	.003		.175	.397		.306	.062	.075	.005	.325	.425	.235
	N	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30
esc.	Pearson Correlation	-.025	-.029	.324	-.175	1	-	-.008	-.135	.120	.225	-.043	-.019	.091	-.058
	Sig. (1-tailed)	.449	.439	.040	.177		.358		.238	.264	.116	.411	.461	.316	.380
	N	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30
relig.	Pearson Correlation	.069	.241	-.748	.519	-	1	-.104	.385	.064	-	-	-.034	-.245	.186
	Sig. (1-tailed)	.358	.100	.000	.002	.026		.293	.018	.368	.050	.048	.429	.096	.163
	N	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30
est.civil	Pearson Correlation	-.032	.203	.272	-.050	-	-.104	1	-.079	-.196	.090	-.092	-.126	-.402	-.104
	Sig. (1-tailed)	.433	.141	.073	.397	.482	.293		.340	.149	.318	.315	.253	.014	.292
	N	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30
relacionamento	Pearson Correlation	.301	.182	-.549	.096	-	.385	-.079	1	.385	-	-	-.063	-.145	.369
	Sig. (1-tailed)	.053	.168	.001	.306	.238	.018	.340		.018	.096	.032	.371	.222	.022
	N	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

n filhos	Pearson Correlation	,531	-,225	-,225	,288	,120	,064	-,196	,385	1	,000	-,200	,146	,271	,150
	Sig. (1-tailed)	,001	,116	,116	,062	,264	,368	,149	,018		,500	,145	,220	,074	,214
	N	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30
hab.	Pearson Correlation	-,080	-,224	,307	-,269	,225	-,307	,090	-,245	,000	1	,379	,166	-,185	-,164
	Sig. (1-tailed)	,337	,117	,049	,075	,116	,050	,318	,096	,500		,019	,190	,164	,193
	N	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30
filiaç.	Pearson Correlation	-,625	,270	,485	-,468	-,043	-,309	-,092	-,341	-,200	,379	1	,175	-,098	-,150
	Sig. (1-tailed)	,000	,075	,003	,005	,411	,048	,315	,032	,145	,019		,177	,304	,214
	N	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30
desafiodaparentalidade	Pearson Correlation	-,021	-,015	,056	,086	-,019	-,034	-,126	-,083	,146	,166	,175	1	,385	,251
	Sig. (1-tailed)	,456	,469	,385	,325	,461	,429	,253	,371	,220	,190	,177		,018	,091
	N	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30
suporte.exigencia	Pearson Correlation	,202	-,395	,074	-,036	,091	-,245	-,402	-,145	,271	-,185	-,098	,385	1	,455
	Sig. (1-tailed)	,142	,015	,349	,425	,316	,096	,014	,222	,074	,164	,304	,018		,006
	N	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30
proximidade.responsividade	Pearson Correlation	,072	-,071	-,181	,137	-,058	,188	-,104	,369	,150	-,164	-,150	,251	,455	1
	Sig. (1-tailed)	,352	,355	,170	,235	,380	,163	,292	,022	,214	,193	,214	,091	,006	
	N	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30

\*\* Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).

\* Correlation is significant at the 0.05 level (1-tailed).

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Ana Catarina Oliveira (anacatarina12@msn.com)



## Anexo 8. Resultados da correlação de Pearson entre as varáveis consideradas

		Correlations			
		orient.sexual	desafiodaparentalidade	suporte.exigencia	proximidade.responsividade
orient.sexual	Pearson Correlation	1	,088	-,038	,137
	Sig. (1-tailed)		,325	,425	,235
	N	30	30	30	30
desafiodaparentalidade	Pearson Correlation	,088	1	,385	,251
	Sig. (1-tailed)	,325		,018	,091
	N	30	30	30	30
suporte.exigencia	Pearson Correlation	-,038	,385	1	,455
	Sig. (1-tailed)	,425	,018		,008
	N	30	30	30	30
proximidade.responsividade	Pearson Correlation	,137	,251	,455	1
	Sig. (1-tailed)	,235	,091	,008	
	N	30	30	30	30

\*. Correlation is significant at the 0.05 level (1-tailed).

\*\*. Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Ana Catarina Oliveira (anacatarina12@msn.com)

## Anexo 9. Homogeneidade das variâncias

**Test of Homogeneity of Variances**

	Levene Statistic	df1	df2	Sig.
desafiodaparentalidade	,912	2	27	,414
suporte.exigencia	7,325	2	27	,003
proximidade.responsividade	,731	2	27	,491

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Ana Catarina Oliveira (anacatarina12@msn.com)

## Anexo 10. Resultados da ANOVA para as variáveis em estudo

ANOVA						
		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
desafio parentalidade	Between Groups	,041	2	,021	,162	,852
	Within Groups	3,426	27	,127		
	Total	3,467	29			
suporte exigência	Between Groups	,392	2	,196	,896	,420
	Within Groups	5,908	27	,219		
	Total	6,300	29			
proximidade responsividade	Between Groups	,303	2	,151	,578	,568
	Within Groups	7,064	27	,262		
	Total	7,367	29			

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Ana Catarina Oliveira (anacatarina12@msn.com)

Anexo 11. Resultados do *Teste T* para as variáveis consideradas em estudo

		Independent Samples Test									
		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						95% Confidence Interval of the Difference	
		F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	Lower	Upper	
desafios_parentalidade1	Equal variances assumed	10,375	,003	1,383	28	,185	,133	,098	-,088	,334	
	Equal variances not assumed			1,468	14,000	,164	,133	,091	-,062	,328	
desafio_parentalidade2	Equal variances assumed	,902	,351	,488	28	,645	,058	,121	-,193	,305	
	Equal variances not assumed			,474	25,799	,640	,058	,119	-,188	,301	
desafios_parentalidade3	Equal variances assumed	21,460	,000	1,737	28	,094	,200	,115	-,037	,437	
	Equal variances not assumed			1,871	14,000	,082	,200	,107	-,029	,429	
desafios_parentalidade4	Equal variances assumed	,089	,768	-,149	28	,883	-,021	,138	-,303	,262	
	Equal variances not assumed			-,148	24,868	,883	-,021	,138	-,305	,264	
desafios-parentalidade5	Equal variances assumed	21,460	,000	1,737	28	,094	,200	,115	-,037	,437	
	Equal variances not assumed			1,871	14,000	,082	,200	,107	-,029	,429	
desafios_parentalidade6	Equal variances assumed	4,000	,058	,929	28	,362	,067	,072	-,081	,214	
	Equal variances not assumed			1,000	14,000	,334	,067	,067	-,076	,210	
desafios_parentalidade7	Equal variances assumed	4,000	,058	,929	28	,362	,067	,072	-,081	,214	
	Equal variances not assumed			1,000	14,000	,334	,067	,067	-,076	,210	
desafios_parentalidade8	Equal variances assumed	3,629	,068	-,909	28	,372	-,185	,203	-,602	,233	
	Equal variances not assumed			-,880	19,814	,389	-,185	,210	-,622	,253	
desafios_parentalidade9	Equal variances assumed	4,000	,058	,929	28	,362	,067	,072	-,081	,214	
	Equal variances not assumed			1,000	14,000	,334	,067	,067	-,076	,210	

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Ana Catarina Oliveira (anacatarina12@msn.com)

desafios_parentalidade10 Equal variances assumed	43,359	,000	2,095	26,046	,287	,127	,005	,528
Equal variances not assumed			2,256	14,000	,041	,287	,118	,013
desafios_parentalidade11 Equal variances assumed	2,682	,114	-1,596	26,123	-,800	,376	-1,373	,173
Equal variances not assumed			-1,525	16,885	,146	-,800	,394	-1,431

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Ana Catarina Oliveira (anacatarina12@msn.com)

Anexo 12. Resultados do *Teste T* para as variáveis consideradas

Independent Samples Test									
	Levene's Test for Equality of Variances		T-test for Equality of Means					95% Confidence Interval of the Difference	
	F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	Lower	Upper
suporte/exigência1	5,911	,022	4,111	28	,000	,856	,208	,428	1,285
			Equal variances assumed						
suporte/exigência2	16,060	,000	4,340	18,765	,000	,856	,197	,443	1,270
			Equal variances not assumed						
suporte/exigência3	,180	,675	1,672	28	,106	,256	,153	-,059	,572
			Equal variances assumed						
suporte/exigência4	1,737	22,703	1,737	22,703	,096	,256	,148	-,049	,562
			Equal variances not assumed						
suporte/exigência5	,211	25,712	,211	28	,835	,036	,170	-,314	,386
			Equal variances assumed						
suporte/exigência6	,212	25,712	,212	25,712	,834	,036	,170	-,313	,385
			Equal variances not assumed						
suporte/exigência7	5,194	,031	1,077	28	,291	,179	,167	-,163	,522
			Equal variances assumed						
suporte/exigência8	1,098	25,661	1,098	25,661	,282	,179	,163	-,157	,516
			Equal variances not assumed						
suporte/exigência9	96,571	,000	2,457	28	,021	,333	,136	,054	,612
			Equal variances assumed						
suporte/exigência10	2,646	14,000	2,646	14,000	,019	,333	,126	,083	,604
			Equal variances not assumed						
suporte/exigência11	,853	,364	-1,017	28	,319	-,303	,298	-,914	,309
			Equal variances assumed						
suporte/exigência12	-,990	20,906	-,990	20,906	,333	-,303	,306	-,938	,333
			Equal variances not assumed						
suporte/exigência13	3,478	,074	2,044	28	,051	,369	,181	-,002	,741
			Equal variances assumed						
suporte/exigência14	2,066	26,000	2,066	26,000	,049	,369	,179	,002	,737
			Equal variances not assumed						

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Ana Catarina Oliveira (anacatarina12@msn.com)

### Anexo 13. Resultados do *Teste T* para as variáveis consideradas

Independent Samples Test										
	Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						95% Confidence Interval of the Difference	
	F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	Lower	Upper	
proximidade/responsividade1	Equal variances assumed	1,796	,192	-,483	26	,833	-,179	,372	-,944	,586
	Equal variances not assumed			-,466	18,985	,848	-,179	,385	-,988	,627
proximidade/responsividade2	Equal variances assumed	1,900	,180	-,797	26	,433	-,246	,309	-,881	,389
	Equal variances not assumed			-,772	19,899	,449	-,246	,319	-,911	,419
proximidade/responsividade3	Equal variances assumed	1,041	,317	-,023	26	,982	-,005	,222	-,462	,452
	Equal variances not assumed			-,023	25,905	,982	-,005	,219	-,458	,445
proximidade/responsividade4	Equal variances assumed	4,144	,052	-1,082	26	,298	-,185	,174	-,542	,173
	Equal variances not assumed			-1,046	23,246	,308	-,185	,177	-,550	,180

“Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais

Ana Catarina Oliveira (anacatarina12@msn.com)